

MARX ESTAVA CERTO!



LIBERDADE e LUTA

**MARX ESTAVA
CERTO!**

São Paulo
2020



LIBERDADE e LUTA

MARX ESTAVA CERTO!

Coordenação Editorial: Lucy Dias

Capa: Evandro Colzani

Projeto Gráfico: Naylla Manenti

Ilustrações: Fernanda Braga Moreira, Vinícius Piquete, Daniel Boanerges, Alexia Marília, Evandro Colzani

Revisão : Aline Seitenfus

Pintura Manifesto do Partido Comunista:

Un Soir de Grève, 1893 - Eugène Laermans

Arte Imperialismo, fase superior do capitalismo:

Death to World Imperialism, 1920, Soviet Union - Dmitry Moor



LIBERDADE e LUTA

www.liberdadeeluta.org/

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizado ou reproduzida sem a expressa autorização da Liberdade e Luta.

ÍNDICE

- 05 Apresentação
- 11 Manifesto do Partido Comunista - Karl Marx e
Friech Engels
- 14 “Abra-te fábrica”: um poema inspirado pelo Manifesto
Comunista
- 21 81 anos da IV Internacional: o Programa de Transição
e a juventude
- 31 A luta entre o Capital e o Trabalho: atualidade de
Salário, Preço e Lucro
- 41 A única utopia é a que a vida pode melhorar sob o
capitalismo. As contribuições do livro “Do socialismo
utópico ao socialismo científico”
- 49 Em defesa da Revolução Permanente
- 59 O Estado e a Revolução: introdução e atualidade da
obra de Lênin
- 63 Imperialismo, fase superior do capitalismo: uma breve
introdução

APRESENTAÇÃO

Mateus Wachter

“A teoria sem a prática de nada vale, a prática sem a teoria é cega” – Lenin

A partir do grande rol de autores que compõem o campo do marxismo, tais como Marx, Engels, Trotsky e o já mencionado Lenin (estes que dedicaram suas vidas à construção da revolução socialista), é possível extrair um grande número de lições ao estudar suas obras, que são vitais para aqueles que lutam diariamente pela emancipação do proletariado e da juventude, frente ao sistema capitalista. Sendo assim, para quem escolher se dedicar à luta pela revolução socialista, o estudo da teoria marxista deve estar intrinsecamente ligado à sua militância.

A Liberdade e Luta é uma organização de juventude que desenvolve suas atividades com um único norte, a Revolução Socialista, e desta forma, sabemos o quão importante é a Teoria Revolucionária para a luta por um mundo novo. Ao passo em que sabemos o quão fundamental é a militância prática, entendemos, assim como explicou Lenin, que está será de certa forma “cega” se não for acompanhada pelo elemento determinante que é a Teoria.

A partir dessa concepção, a Liberdade e Luta, além de desenvolver um trabalho prático junto à juventude, intervindo em pontos como escolas e universidades, está sempre se empenhando na produção de “instrumentos” que auxiliem o combate, tais como os textos publicados em nosso site e, agora, o mais novo material da Liberdade Luta: a brochura “Marx Estava Certo!”.

Com o condão de apresentar uma série de obras que figuram no rol dos grandes clássicos do marxismo, de forma simples e séria, para aqueles que buscam conhecer mais sobre a teoria revolucionária, nesta brochura reunimos uma série de textos (redigidos por nossos militantes), nos quais cada obra é resumida.

1º - MANIFESTO COMUNISTA

O primeiro dos textos trata sobre uma das maiores obras já criadas, o Manifesto Comunista, este escrito por Marx e Engels.

O Manifesto foi publicado pela primeira vez em 1848 e é dividido em quatro títulos, nos quais Marx e Engels se debruçam a explicar o desenvolvimento da burguesia, o papel dos comunistas na luta pela emancipação da classe trabalhadora e pelo fim da burguesia, o desenvolvimento das ideias socialistas e a posição dos marxista nos movimentos revolucionários.

2º - PROGRAMA DE TRANSIÇÃO

Elaborado por Leon Trotsky, um dos principais dirigentes do partido Bolchevique na Revolução Russa, o Programa de Transição é o objeto do segundo texto.

Construído originalmente como base programática da 4ª Internacional, compondo os documentos de sua fundação, o Programa de Transição apresenta uma série de questões vitais para a luta contra o capitalismo, explicando o que são as reivindicações transitórias e questões intrínsecas à construção do partido revolucionário, tão necessário para superar a crise da humanidade, expressa na crise das direções do proletariado.

3º - SALÁRIO, PREÇO E LUCRO

No terceiro texto é apresentada uma obra desenvolvida por Karl Marx para a realização de seu informe para o Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, em 1865, no qual Marx começa a formular a sua teoria do valor-trabalho, a criação da mais-valia, a formação do lucro, os preços na economia burguesa e a luta entre capital e salário.

4º - DO SOCIALISMO UTÓPICO AO SOCIALISMO CIENTÍFICO

Escrito por Friedrich Engels e publicado em 1880, Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico é o objeto do 4º texto, o qual busca apresentar as contribuições desta obra e como esta representa a superação sobre determinadas falácias da burguesia e sobre os pensamentos desenvolvidos pelos socialistas utópicos.

5º - REVOLUÇÃO PERMANENTE

Esta obra, publicada pela primeira vez em 1930, é mais uma das várias já escritas por Trotsky. Além de apresentar os aspectos envolvidos à Revolução Permanente, esta obra teve um grande papel na defesa do internacionalismo e no combate à teoria do socialismo em um só país e da revolução por etapas, desenvolvida pela burocracia stalinista.

Tema do 5º texto, neste são apresentados, além da teoria da Revolução Permanente, alguns aspectos do momento histórico que ajudam a entendê-la e a compreender seu papel no combate contra as falácias da burocracia stalinista do “socialismo em um só país”.

6º - ESTADO E A REVOLUÇÃO

Sem sombra de dúvidas esta obra, que é o objeto do 6º texto, não poderia faltar aqui. Escrito por Vladimir Ilitch Lenin, uma das principais direções Bolcheviques, e publicado em 1918, o Estado e a Revolução é com certeza uma das principais obras no rol dos grandes clássicos do marxismo. Nele Lenin se debruça a explicar algumas questões, de certa forma, basilares para os marxistas. Explica a relação entre as classes e o Estado, apontando a necessidade da tomada do poder e da instauração da ditadura do proletariado, explana sobre as formas com que a classe dominante se utiliza para se manter dominante, utilizando-se de seu braço armado para tal e, ainda,

Lenin responde uma série de questões referentes aos anarquistas e oportunistas da época.

7º - O IMPERIALISMO: FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO

Por fim, e com certeza não menos importante, o último texto tratará do “Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo”, também escrito por Lenin e publicado pela primeira vez em 1917.

Fruto de muito estudo sobre a conjuntura da época e das lições de Marx sobre a economia, nesta obra Lenin aponta uma série de características fundamentais para se entender esse “estágio superior” do capitalismo e a barbárie que este representa. Esta fase do capitalismo, fase que ainda vivemos, é a reação em toda linha, onde o capitalismo não é mais capaz de desenvolver as forças produtivas da humanidade e começa a tragar a humanidade em reação econômica, crises em cima de crises e, reação política, o recrudescimento da repressão.

O momento que vivemos hoje, em meio a uma das crises mais graves do capitalismo, aprofundada pela pandemia, nos coloca a dicotomia SOCIALISMO ou BARBÁRIE de maneira frontal. Para superar esse horror sem fim e essa vida sem perspectiva que o imperialismo nos impõe, precisamos construir as forças necessárias para levar à vitória final nos movimentos revolucionários que certamente desabrocharão no próximo período, quando as condições permitirem. Até lá, nos preparemos!

Bons estudos!



MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA - KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS

Jonathan Vítório

Escrito na Europa, em 1847, pelos jovens militantes Karl Marx, que naquele período tinha 29 anos, e Friedrich Engels, com 27 anos, o Manifesto do Partido Comunista é um precioso instrumento. Sem dúvida, é um dos mais influentes documentos da história do pensamento humano.

Mesmo que 170 anos tenham se passado, as ideias ali registradas conquistam a mente de jovens e trabalhadores de todos os cantos do mundo até os dias de hoje.

O texto nos explica a concepção materialista da história, a base do marxismo, mostra-nos que o sistema capitalista já não é mais compatível com a sociedade e que somente a vitória do proletariado pode conduzir ao fim da sociedade de classes.

A Liberdade e Luta quer que todos os jovens conheçam o Manifesto do Partido Comunista, pois, quando conhecemos a história, passamos a acreditar que é possível mudá-la. O Manifesto nos dá certeza disso, sua leitura é indispensável.

Na época em que foi escrito, o mundo vivia um período de ebulição, revoluções tomavam conta da Europa e o comunismo tinha seu nome difamado por todas as potências mais reacionárias. Do Papa aos mais variados estadistas, o comunismo era destruído. Justamente por isso, os jovens Karl Marx e Friedrich Engels foram impulsionados a escrever o Manifesto do Partido Comunista.

O Manifesto é curto, mas seu conteúdo é tão extenso que cada vez que é lido parece um livro novo. Não faremos a discussão profunda de cada subtítulo, isso nos custaria um texto extenso. A ideia aqui é de alguma forma despertar o desejo por esta riqueza de documento.

O primeiro título chama-se “BURGUESES E PROLETÁRIOS”, o objetivo de Marx e Engels aqui é explicar a ascensão da burguesia. Inicialmente, a burguesia teve um papel importante para o desenvolvimento da sociedade e dos meios de produção, pois, quando tomou o poder, rompeu com os laços do feudalismo existentes até aquele momento, explorou todos os cantos do mundo, deu saltos tecnológicos, expandiu os centros urbanos e abriu o grande mercado, ou seja, elevou a humanidade a outro patamar. Mas, concentrou toda a riqueza em poucas mãos. Em resumo, a burguesia criou um mundo à sua imagem e semelhança. No entanto, apesar de ter criado este novo mundo para si, também construiu uma estrutura que

se volta contra ela mesma. Neste novo sistema socioeconômico, a divisão de classes ainda continua existente, pois toda a riqueza foi concentrada. Com isso, o novo sistema criou o proletariado, que são os trabalhadores que manuseiam as máquinas da burguesia e são explorados todos os dias por alguém que retém toda a riqueza produzida por eles. Para a burguesia, os operários são como uma mercadoria que se compra para utilizar para o bem próprio, pois sua função é produzir mais e mais. Cedo ou tarde, o proletariado, fruto do sistema, será a grande arma contra o próprio sistema.

Como Marx e Engels explicam, o capitalismo também abre brechas para que crises periódicas de superprodução aconteçam, ameaçando todo o sistema. Assim, o Manifesto nos mostra que há mais de 170 anos Marx e Engels já previam o tipo de crise que vivemos hoje.

O segundo título é “PROLETÁRIOS E COMUNISTAS”. Nessa parte, Marx e Engels explicam o papel dos comunistas na luta pela emancipação da classe trabalhadora e pela derrubada da burguesia.

Os comunistas não se descolam da classe trabalhadora, eles organizam-se em partidos revolucionários que darão a direção para os trabalhadores nos períodos revolucionários. Os comunistas lutam pelo fim da burguesia e pela conquista do poder político pelo proletariado. Suas ideias se baseiam na sociedade dividida em classes, onde existem os explorados e exploradores e é justamente esse caráter de classe que os comunistas querem extinguir. Além disso, os Marx e Engels fazem um combate contra as mentiras sobre o comunismo lançadas pela burguesia.

A burguesia ataca os comunistas dizendo que eles querem acabar com a pequena propriedade, adquirida por meio do trabalho individual. Os comunistas querem acabar com a propriedade, mas a propriedade dos meios de produção, burguesa, que acumula riqueza utilizando-se da força de trabalho alheio. No capitalismo a propriedade já está abolida para a grande maioria da população, enquanto uma minoria detém toda a riqueza acumulada, a maioria não possui nada. Outras difamações também são contestadas nesta parte do Manifesto. Sua leitura é indispensável para o combate das mentiras diariamente lançadas pela burguesia.

Em resumo, este tópico explica o papel dos comunistas para a emancipação da classe trabalhadora, as calúnias e difamações lançadas pela burguesia, o que representa a centralização dos meios de produção nas mãos de um Estado operário e o que representa o fim das classes e dos antagonismos de classe.

O terceiro título se chama “LITERATURA SOCIALISTA E COMUNISTA”. Aqui, Marx e Engels explicam o desenvolvimento das ideias socialistas, que socialismo passou por diversas linhas da literatura.

Após o declínio do feudalismo, existiu o socialismo feudal, guiado pela aristocracia. Quando o povo unia-se aos socialistas feudais, logo se afastava, pois via o reflexo do feudalismo nesse “socialismo”.

O socialismo pequeno-burguês também é citado no Manifesto. A pequena burguesia é uma classe que está entre o proletariado e a burguesia, é um setor independente da sociedade moderna. Prevendo seu próprio desaparecimento com o desenvolvimento da burguesia, este setor criou o socialismo pequeno-burguês. Eles atacavam as mudanças da burguesia, mas eram reacionário e utópicos, pois defendiam as velhas relações de propriedade e a velha sociedade.

O Manifesto do Partido Comunista explica que ao longo da história da humanidade vários nomes previram os problemas do novo regime e desenvolveram filosofias importantes que contribuíram para o pensamento de Marx e Engels, tais como: Saint-Simon, Fourier, Owen, entre outros.

O quarto e último título chama-se “POSIÇÃO DOS COMUNISTAS EM RELAÇÃO AOS VÁRIOS PARTIDOS DE OPOSIÇÃO EXISTENTES”. Neste tópico é possível entender onde estão

os comunistas nos movimentos revolucionários, seja ele qual for. Marx e Engels citam vários momentos históricos em que uma classe voltava-se contra outra. Como na Alemanha, quando a burguesia travou uma luta contra a antiga monarquia absolutista. Os comunistas entendiam que aquele momento era revolucionário e que a derrubada da monarquia era necessária, mas que, após a derrubada desse regime, eles travariam uma luta contra a burguesia, pois os antagonismos de classe ainda continuariam existentes. Ou seja, como é citado no próprio manifesto: “os comunistas, em toda parte, apoiam cada movimento revolucionário contra a ordem social e política existente”.

Com a leitura do Manifesto podemos concluir que todos os problemas econômicos e sociais hoje vividos são consequências da sociedade dividida em classes. Há séculos existiram grandes pensadores que, observando que o sistema capitalista já não é mais compatível com o desenvolvimento social, deixaram obras mostrando o caminho para o futuro da humanidade. Ainda não há nada mais atual que isso. Queremos que a juventude não se apegue em frases perdidas do marxismo, mas que estude profundamente e se perca nas páginas dos clássicos desses brilhantes militantes: Marx e Engels.

A burguesia utiliza seu Estado e todos os meios de comunicação para difamar a organização dos trabalhadores e para dizer que o socialismo é impossível. Nós lutamos para que todos os jovens conheçam o marxismo, para que eles tenham consciência de que este é o único sistema que poderá mudar a vida das próximas gerações e garantir acesso às mínimas condições de existência. Queremos um sistema comunista onde, como citado por Marx e Engels, “o livre desenvolvimento de cada um é condição para o livre desenvolvimento de todos”.

"ABRA-TE FÁBRICA": UM POEMA INSPIRADO PELO MANIFESTO COMUNISTA

Kátia Surreal

A poesia abaixo foi uma iniciativa de uma frequentadora da Universidade Vermelha, Kátia Surreal. A Universidade Vermelha é composta por cursos de marxismo organizados por militantes da Liberdade e Luta e da Esquerda Marxista em todo o Brasil, e as produções espontâneas e as reflexões posteriores que ela fomenta mostra diariamente aos organizadores a vitalidade e atualidade do marxismo. O estudo em um destes cursos do clássico “O Manifesto Comunista” trouxe a Katia o ímpeto para unir a habilidade poética anterior ao combate de Marx e Engels pelo comunismo junto a classe operária e seu movimento.

Abra-te, fábrica

Abra-te, fábrica,
Que o trabalhador já vem
Nosso trabalho é luta
Não lucro
Em real, xelim ou vintém.

Abra-te, operário, à tua fada
Que o fardo da exploração
É a tua desgraça

O sistema de farsas
A alma do homem mata

No regime das máquinas
Convertido em horas sádicas
A vida transmutada
Em lástimas
Densas lágrimas...

Senhores sujeitos,
À praça!
Com vossos corações
Em milhões,
Em massas
Contra a maldita praga
Desta gente rata
E tão ávida
A roer nossa desgraça
Senhores sujeitos,
À praça!

Abra-te, fábrica,
Teus ríspidos portões
Que sem os grilhões
Vêm vindo
Os proletários
O proletário
Em seu ritmo
Não diário.

Abra-te, irmão,
Teu pensamento
Teu argumento
Teu coração
Não há mais razão
Suportar a exploração
Louco regime da desunião!

Trabalhadores, uni-vos!
Que este é o verdadeiro espírito

D'um esplendoroso grito
Em denso ritmo
De união,
Nação...

Proletários, uni-vos!
Que o povo é soberano
Sobretudo, destemido
Ora digo:
Ouçam nossos gritos
Na fábrica, os gemidos
E o agito...
Suspiro...

Um fantasma ronda as fábricas?
Um fantasma ronda o mundo?
Não é um absurdo
O que ora escuto,
O que ora vejo
A falange dos sem medo.

A mudança em mil lideranças
A nova esperança
Se espalha e se espelha
Por toda parte
Karl Marx!

Liberta-te da chantagem
Do aparelho da ambição
Desperta-te, irmão,
Livra-te de qualquer grilhão
Façamos a revolução!

Amigo, não te acovardas
Eis o espírito máximo:
Marx!
Abra as portas agora

Nesta exata hora!

Vambora!

Uni-vos, irmãos!

Em gritos,

Na praça

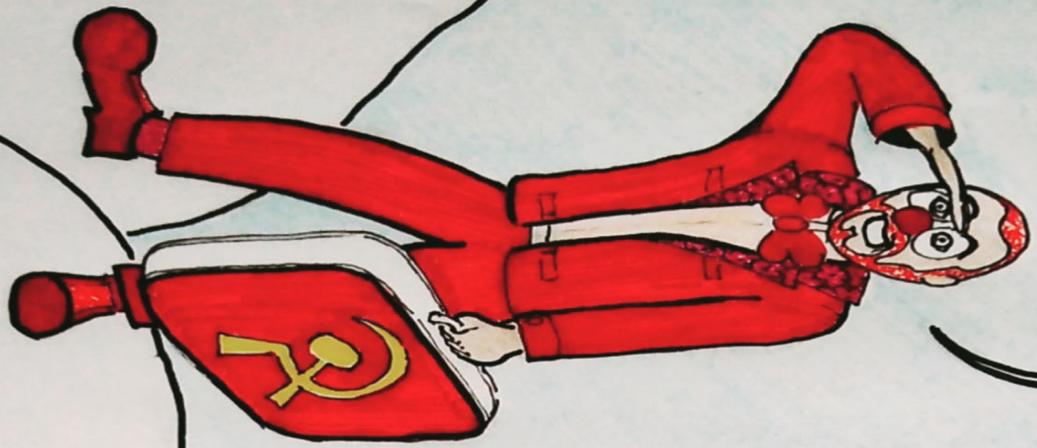
Com raça

A magna massa

Não se descompassa

Uni-vos!

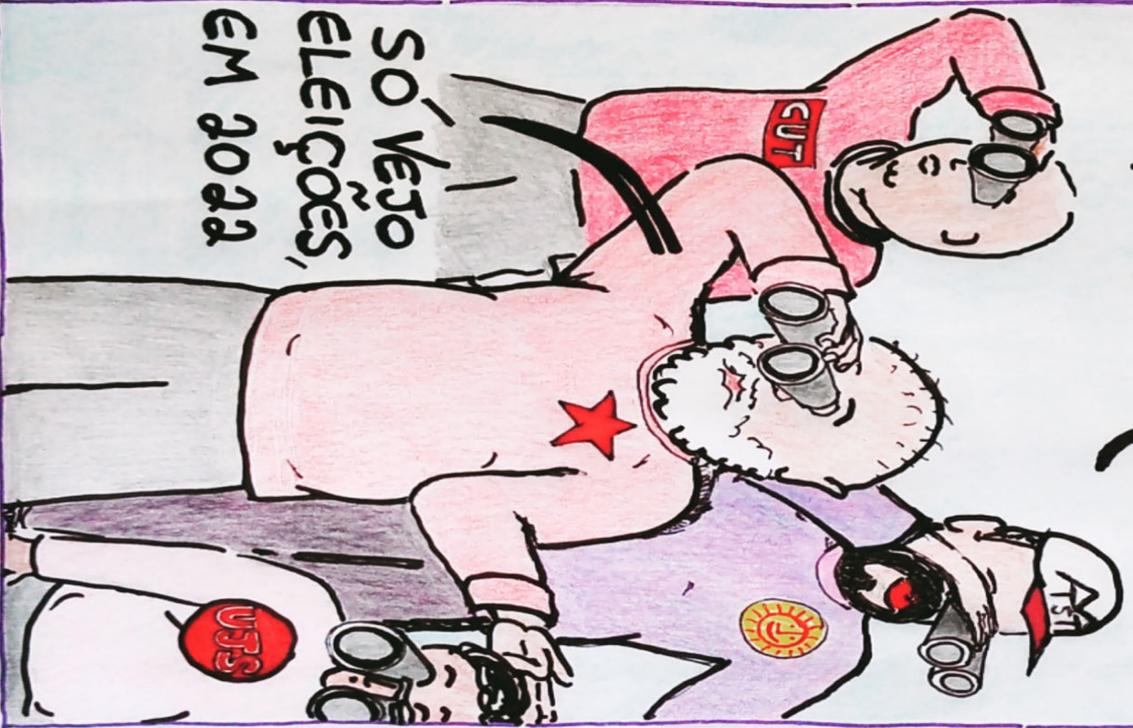
VEJAM, QUE LINDA!
É A REVOLUÇÃO
NO HORIZONTE!



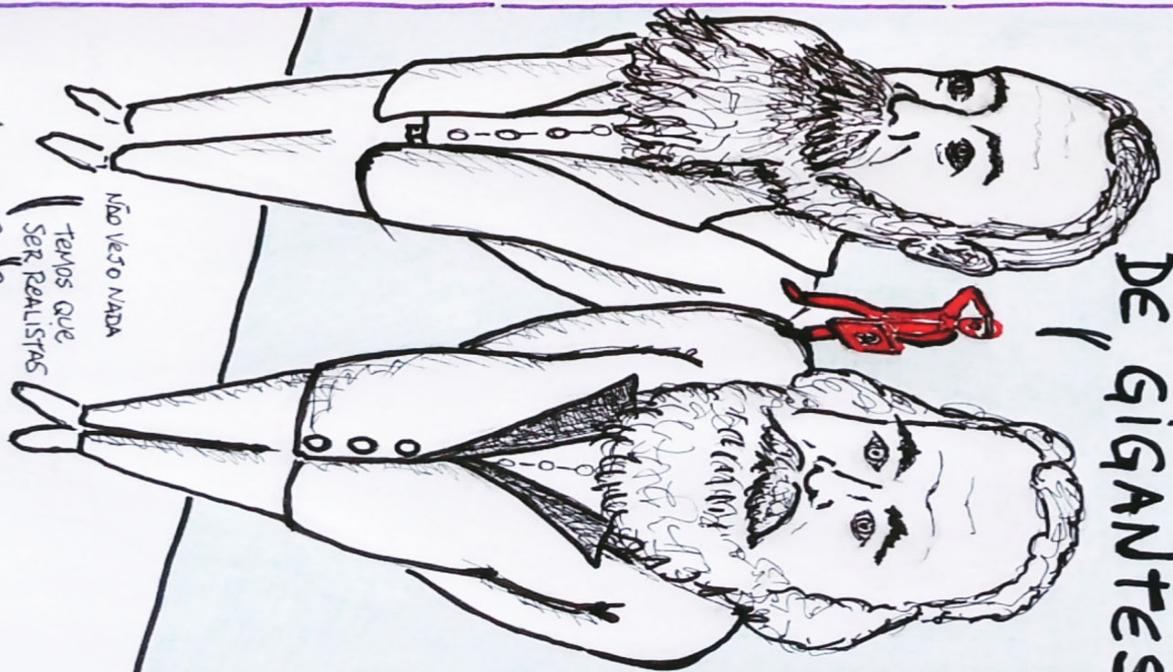
NÃO VEJO NADA

TEMOS QUE
SER REALISTAS

SO VEJO
ELEIÇÕES,
EM 2022



SIM, EU VEJO!
PORQUE ME APOIO
SOBRE OS OMBROS
DE GIGANTES!



Não vejo nada
Temos que
ser realistas

So vejo
eleições
em 2022



81 ANOS DE DA IV INTERNACIONAL: O PROGRAMA DE TRANSIÇÃO E A JUVENTUDE

Lucy Dias

O Programa de Transição foi escrito em 1938. Toda essa década de 1930 foi marcada pela crise de 1929 que atingiu todos os países, uma crise de escala similar à que estamos vivendo desde 2008-2009. O período anterior está marcado pela morte de Lênin em 1924 e a burocratização da III Internacional sob o comando de Stalin. A política stalinista teve consequências reacionárias em diversas partes do mundo, como na Itália, onde permitiu a ascensão de Mussolini em 1922, na China, orientando o Partido Comunista a se integrar ao partido burguês, Kuomintang e a se submeter a seu líder, Chiang Kai Shek, que ao final assassinou milhares de comunistas em 1924-25, na Alemanha onde permitiu a ascensão de Hitler em 1933, na Espanha onde permitiu a ascensão de Franco em 1936.

Esses fatos, sobretudo a ascensão de Hitler, levaram Trotsky a considerar a III Internacional não mais como o poderoso instrumento da revolução comunista mundial, como havia sido proposta em sua fundação, mas em um aparelho burocrático que jogava o levante revolucionário dos trabalhadores à derrota frente a burguesia. Isso foi possível pela política ultra esquerdista formulada pela camarilha de Stalin, que considerou socialdemocracia como irmã gêmea do fascismo e a recusar a organizar uma frente única entre comunistas e social-democratas, o que levou à vitória do nazismo na Alemanha e a entrega do proletariado mais organizado, no país mais industrializado da Europa naquela época. É importante notar que a base da social democracia ainda contava com milhões de operários e juntos, o partido comunista e a social democracia, eram a maior força da Alemanha.

Além disso, as pretensas teorias da revolução por etapas e do socialismo em um só país, levaram à orientação dos diversos partidos comunistas a colaborar com a suposta burguesia “progressista” dos países, esperando pela revolução burguesa, o que só levou à traição do proletariado.

Esses fatos levaram Trotsky a conclamar a fundação da IV Internacional, que foi baseada no Programa de Transição, para defender as ideias do marxismo e a herança das tradições bolcheviques. Num contexto onde Stalin estava exilando, expurgando e assassinando qualquer oposição.

Trotsky mesmo já havia sido expulso da URSS em 1927 e foi exilado na Turquia, França, Noruega e finalmente no México em 1936-37, onde foi assassinado a mando de Stalin quatro anos depois.

No Brasil, o governo era de Getúlio Vargas e aqui os Integralistas tentaram se converter em uma força paramilitar à serviço do ditador. No entanto, os Integralistas falharam devido a ação dos Trotskistas que acertadamente impulsionaram a tática da Frente Única, herança das resoluções da III Internacional em seu período revolucionário, formulada por Trotsky e Lênin. Esse fato e a batalha de Cable Street na Inglaterra, demonstraram a efetividade da tática de Frente Única na luta do proletariado contra o fascismo e conserva ainda hoje sua vitalidade.

SEUS PONTOS FUNDAMENTAIS

O Programa de Transição começa por apontar a necessidade do socialismo e as condições para sua existência mesmo anteriormente àquele período (1938) e qual o principal obstáculo para a emancipação da classe operária: suas próprias direções.

“Os falatórios de toda espécie, segundo os quais as condições históricas não estariam “maduras” para o socialismo, são apenas produto da ignorância ou de um engano consciente. As premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer. Sem vitória da revolução socialista no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe. Tudo depende do proletariado, ou seja, inicialmente, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária.”

Já naquela época estava claro que as condições materiais para uma sociedade socialista estavam dadas - o desenvolvimento da indústria, sua centralização por meio do imperialismo, o desenvolvimento do proletariado -, mas o fator central que impediu e ainda impede que as revoluções pelo mundo se tornem vitoriosas é o papel das direções traidoras, que se passaram para o lado da burguesia. Como temos visto, o capitalismo tem levado toda a humanidade para uma crise atrás da outra, desemprego, guerras, refugiados, destruição da ciência, cultura, saúde, educação e da natureza. A catástrofe de que Trotsky falou em 1938, dá seus sinais em nosso tempo, trazendo a necessidade da vitória do socialismo, ainda mais urgente para nossa época. Ao mesmo tempo, a traição das direções e a passagem da Internacional Comunista para o lado da burguesia e depois com sua dissolução por decreto de Stalin em 1943, para atender a burguesia britânica e norte-americana, levou a tarefa da revolução proletária internacional para os ombros da IV Internacional.

A social democracia, na época da Segunda Internacional, distinguia as tarefas entre um programa mínimo - o das demandas do dia a dia - e o programa máximo - a revolução socialista-, mas este último, era visto como algo muito longe, no futuro e não como uma necessidade do momento presente.

O Programa de Transição se caracteriza em reforçar a tarefa estratégica de derrubar o capitalismo e não o reformar, agora. Esse é o centro do documento e a pergunta central é como fazer isso? Quais táticas utilizar para aproximar as massas desse objetivo, uma vez que a tarefa de realizar a revolução socialista é uma tarefa para as massas operárias? Como uma organização de poucos milhares de militantes a nível internacional pode levar o programa da revolução e convencer os operários de sua tarefa histórica?

Essa é a preocupação central por trás do Programa de Transição, encontrar reivindicações transitórias entre as necessidades do proletariado em seu dia a dia e conectá-las com as tarefas da revolução socialista.

“A tarefa estratégica da IV Internacional não consiste em reformar o capitalismo, mas em derrubá-lo. Seu objetivo político é a conquista do poder pelo proletariado para realizar a expropriação da burguesia. Entretanto, o cumprimento desta tarefa estratégica é inconcebível sem a mais atenta atitude em todas as questões de tática, mesmo as pequenas e parciais. (...) A IV Internacional não rejeita as reivindicações do velho programa mínimo”, à medida que elas conservaram alguma força vital. Defende incansavelmente os direitos democráticos dos operários e suas conquistas sociais. Mas conduz este trabalho diário ao quadro de uma perspectiva correta, real, ou seja, revolucionária. A medida que as velhas reivindicações parciais mínimas das massas se chocam com as tendências destrutivas e degradantes do capitalismo decadente - e isto ocorre a cada passo -, a IV Internacional avança um sistema de REIVINDICAÇÕES TRANSITÓRIAS, cujo sentido é dirigir-se, cada vez mais aberta e resolutamente, contra as próprias bases do regime burguês. O velho programa mínimo” é contentemente ultrapassado pelo PROGRAMA DE TRANSIÇÃO, cuja tarefa consiste numa mobilização sistemática das massas em direção à revolução proletária.”

O documento explica uma série de questões que se vinculam a isso, por exemplo, como combater a inflação por uma perspectiva operária, aplicando a escala móvel de salários e de horas de trabalho para combater o desemprego. Explica sobre o “segredo comercial” e o controle operário sobre a indústria e seu papel para esclarecer a renda e as despesas da sociedade, como forma de revelar o desperdício de recursos e de trabalho humano que engendra a produção capitalista. A expropriação de certos grupos capitalistas e qual a posição revolucionária sobre isso, frente a palavra de ordem de “nacionalização”. A necessidade da expropriação dos bancos privados e a estatização do sistema de crédito para atender as necessidades de todo o povo, segundo um plano racional e nacional. Explica sobre o papel dos comitês de fábrica, sobre a palavra de ordem de governo operário e camponês, o armamento do proletariado para combater a resistência da burguesia, a luta contra o imperialismo e contra a guerra, sobre a URSS e a época de transição e a luta contra o oportunismo e sectarismo.

Um ponto importante que queremos destacar e que tem implicações importantíssimas no movimento dos trabalhadores, mas também para a juventude está no papel dos sindicatos na época de transição e qual a política da IV Internacional a esse respeito.

“Os bolchevique-leninistas [IV Internacional] encontram-se nas primeiras fileiras de todas as formas de luta, mesmo naquelas onde se trata somente de interesses materiais ou dos direitos democráticos mais modestos da classe operária. Tomam parte ativa na vida dos sindicatos de massa, preocupando-se em reforçá-los, em aumentar seu espírito de luta. Lutam implacavelmente contra todas as tentativas de submeter os sindicatos ao Estado burguês e de subjugar o proletariado pela “arbitragem obrigatória” e todas as outras formas de intervenção policial não somente fascistas, mas também “democráticas”. Somente tendo como base este trabalho é possível lutar com sucesso no interior dos sindicatos contra a burocracia reformista e, em particular, contra a burocracia stalinista. As tentativas sectárias de criar ou manter pequenos sindicatos “revolucionários”, como uma segunda edição do partido, significam, de fato, a renúncia à luta pela direção da classe operária.”

A submissão dos sindicatos ao Estado burguês se encontra, por exemplo, nas diversas formas de sustentação do aparato sindical com dinheiro público ou via descontos compulsórios direto dos salários dos trabalhadores. Em muitas universidades, se quisermos olhar para o movimento estudantil, é comum encontrar descontos diretos das mensalidades, realizados de forma compulsória e repassados para os centros acadêmicos, sem que estes tenham qualquer conexão com sua base. O monopólio da carteirinha estudantil pela UNE e a vinculação do direito de meia entrada à essa carteirinha. Um outro exemplo, é a tentativa das direções de escola de cooptar grêmios nas escolas secundaristas.

Mas essa análise não se restringe às direções sindicais, seja do movimento operário ou do movimento estudantil, stalinistas ou reformistas.

A análise sobre o papel dos sindicatos também se dirige às organizações sectárias, que pretendem criar pequenos sindicatos de “revolucionários” e, com isso, abandonar as massas para as direções reformistas e traidoras, sem realizar o combate para educá-las e combater para ganhá-las para uma posição realmente revolucionária. Essas posições levam a criação de sindicatos apartados das massas de estudantes/operários. Como foi o caso das correntes que romperam com a CUT para formar sua própria central sindical (Conlutas, CTB, as Intersindicais) e, no movimento estudantil, a criação da ANEL pelo PSTU.

Mesmo a UNE e a CUT traindo a classe trabalhadora e a juventude em suas lutas fundamentais, como na reforma da previdência, na aprovação da reforma trabalhista e da lei de terceirização, o abandono da luta pela educação pública, gratuita e para todos, esses sindicatos concentram milhares e milhões de jovens e trabalhadores. Nossa tarefa consiste em vencer as ilusões no campo das ilusões e educar os jovens e trabalhadores no caminho de superar essas direções com um programa socialista e colocar seus imensos aparelhos à serviço de suas lutas e não como freio para elas. É necessária paciência para trilhar esse caminho, pois as massas aprendem por sua própria experiência. E os revolucionários devem estar ao seu lado para apoiá-las e ajudá-las a superar suas limitações. O caminho da criação das diversas Intersindicais e da ANEL (PSTU) é o caminho inverso ensinado por Trotsky no Programa de Transição. Apesar de se reclamarem como a própria IV Internacional, voltam suas costas aos ensinamentos do documento fundamental de sua fundação.

O PROGRAMA DE TRANSIÇÃO E OS PAÍSES DOMINADOS PELO IMPERIALISMO

Entender a condição a que estamos submetidos na divisão internacional do trabalho é fundamental para entender o caminho da nossa luta. O Brasil é um país atrasado - o que significa que é um país que chegou tardiamente ao capitalismo, sem passar por uma revolução burguesa e por isso chegou atrasado na divisão internacional do trabalho - e por isso é um país dominado pelos países imperialistas. Nos países onde nem mesmo a revolução burguesa foi realizada, a economia e a estrutura social combinam elementos de atraso e desenvolvimento tecnológico. E por isso, a classe operária desses países é obrigada a combinar a sua luta por independência nacional, as tarefas democráticas que a burguesia desses países não realizou, e as tarefas da revolução socialista.

“Nessa luta, as palavras-de-ordem democráticas, as reivindicações transitórias e as tarefas da revolução socialista não estão separadas em épocas históricas distintas, mas decorrem umas das outras. Apenas havia iniciado a organização de sindicatos, o proletariado chinês foi obrigado a pensar nos conselhos. É neste sentido que o presente programa é plenamente aplicável aos países coloniais e semicoloniais; pelo menos àqueles onde o proletariado já é capaz de possuir uma política independente. Os problemas centrais desses países coloniais e semicoloniais são: a REVOLUÇÃO AGRÁRIA, isto é, a liquidação da herança feudal, e a INDEPENDÊNCIA NACIONAL, isto é, a derrubada do jugo imperialista. Estas duas tarefas estão estreitamente ligadas uma à outra.”

A luta contra o jugo imperialista nos países atrasados é de suma importância. Sabemos que o imperialismo mudou de forma, de maneira geral. Antes um país imperialista era aquele tinha colônias de exploração. Hoje em dia um país imperialista é aquele que domina outros países através do controle econômico que exercem pelo capital financeiro e pela divisão internacional do trabalho. O mecanismo utilizado é o sistema de dívida pública e os fluxos de capitais. Na América

Latina, por exemplo, o Consenso de Washington foi o instrumento utilizado para abrir comercialmente e financeiramente as economias desses países para empresas e capitais estrangeiros, para realizar privatizações, a redução do Estado e toda sorte de cortes em áreas sociais para se manter o “orçamento” equilibrado. As economias que já eram dominadas anteriormente se tornaram ainda mais controladas pelos países imperialistas. Por tudo isso, Trotsky faz uma análise séria e dialética sobre o papel das palavras de ordem centrais para a aplicação do Programa de Transição nos países dominados.

Uma outra parte importantíssima da luta contra o imperialismo não consiste somente em lutar contra os imperialistas, mas opor os operários a própria burguesia nacional de seus países. Os partidos comunistas estalinizados se utilizaram da luta contra o imperialismo para submeter os operários à “burguesia nacional supostamente progressista e anti-imperialista” de seus países, na verdade, levando os operários às Frentes Populares, em uma palavra, à conciliação com a burguesia.

E por fim, Trotsky apresenta que o desenvolvimento revolucionário nesses países pode ser determinado pela fórmula da Revolução Permanente, na linha do que foram as três revoluções na Rússia (1905, fevereiro e outubro de 1917). Mas esse será o tema de outro livro e outra discussão.

O PROGRAMA DE TRANSIÇÃO E A JUVENTUDE

Trotsky mesmo foi um jovem revolucionário, dirigiu o soviete de Petrogrado em 1905 quando tinha apenas 26 anos. O Partido Bolchevique tinha uma enorme fama de ser dirigido por jovens, se comparado com os dirigentes da social democracia. Mas isso longe de ser uma ofensa, é para nós motivo de orgulho. A juventude é a chama da revolução, é a primeira corda que vibra ao seu som e é o setor que arrasta o proletariado para a luta. Após junho de 2013, com um levante da juventude, vimos nos anos seguintes um aumento das greves dos trabalhadores em diversos setores.

“A derrota da revolução espanhola provocada por seus “chefes”, a falência vergonhosa da Frente Popular na França e o conhecimento das falsificações dos processos de Moscou - estes três fatos aplicam, em seu conjunto, um golpe irremediável da I C. e, de passagem, causam graves prejuízos a seus aliados, os sociais-democratas e os anarco-sindicalistas. Isto não significa, é claro, que os membros destas organizações se voltarão unicamente em direção à IV Internacional. A geração mais idosa, que sofreu terríveis derrotas, abandonará, em grande parte, o combate.”

A juventude também não é tão afetada pelas traições como são as gerações anteriores, que têm em seus ombros o peso de terem construído partidos e organizações que depois, por suas direções traidoras, viraram as cotas para eles. Por isso a juventude está mais livre da influência dos aparelhos burocráticos.

“Quando se gasta um programa ou uma organização, gasta-se a geração que os carregou sobre seus ombros. A renovação do movimento faz-se pela juventude, livre de toda responsabilidade pelo passado. A IV Internacional dá uma excepcional atenção à jovem geração do proletariado. Por toda sua política ela se esforça em inspirar à juventude confiança em suas próprias forças e em seu futuro. Apenas o fresco entusiasmo e o espírito ofensivo da juventude podem assegurar os primeiros sucessos na luta; apenas esses sucessos podem fazer voltar ao caminho da revolução os melhores elementos da velha geração. Sempre foi assim. Continuará sendo assim.”

Nas resoluções da fundação da IV Internacional, também encontramos uma resolução sobre a juventude. Nela encontramos diversos pontos programáticos para envolver a juventude na luta revolucionária. Eles começam por apontar

“a inabilidade do capitalismo em oferecer o mais leve alívio à miséria e ao sofrimento da juventude trabalhadora. Os jovens querem um trabalho e, quando (de vez em quando!) se dá um a eles, é apenas para melhor aprisioná-los a uma máquina que amanhã irá parar e então deixá-los famintos, apesar das muitas riquezas produzidas por eles. Os jovens querem trabalhar para produzir com suas mãos, para usar sua energia acumulada, mas o capitalismo oferece a eles a perspectiva do desemprego ou da ‘execução do trabalho em condições diferentes das condições normais de produção’, de acordo com a hipócrita e excelente definição de trabalho dada pela Liga das Nações, ou da produção de armamentos, que gera destruição e não melhorias. Os jovens querem aprender, mas o caminho da cultura é barrado para eles. Os jovens querem viver, mas o único futuro oferecido a eles é aquele de morrer de fome ou de apodrecer no arame farpado de uma nova guerra imperialista. Os jovens querem criar um mundo novo, mas a eles se permite apenas manter ou consolidar um mundo decadente que está caindo aos pedaços. (...)”

Dentre as reivindicações, a luta por um futuro, aparece associada a reivindicações transitórias de combate, para melhorar as condições de vida da juventude imediatamente e que na luta por essas demandas, devemos transformá-las *na luta pelo poder por meio de uma luta pelo controle e pela direção do sistema econômico.*

Um programa de transição também é oferecido à juventude. Ele começa por exigir o direito ao trabalho!

“Para os trabalhadores jovens engajados na produção, os bolcheviques-leninistas apresentam palavras-de-ordem com o objetivo de a) medir o trabalho feito pelos jovens não conforme o desejo de arrancar dele tanto lucro quanto seja possível, mas, ao contrário, de acordo com seu grau de desenvolvimento físico; b) assegurar a eles um padrão de vida igual ao dos adultos, conseguindo, com isso, sua independência econômica; c) melhorar suas qualificações técnicas o máximo possível; d) devido à igual oportunidade de exploração dos jovens e adultos pelo capitalismo, conceder-lhes direitos iguais.”

E por isso são exigidos: *“- Semana de trabalho reduzida, com um programa de trabalho que permita aos jovens a prática de esporte a céu aberto; - Pelo menos um mês de férias pagas ao ano; - A organização, por fábricas, ou grupos de fábricas, de cursos de treinamento pagos pela patronal e sob controle operário; - Horas pagas de treinamento operacional durante a jornada de trabalho, regularmente; - Aplicação do princípio ‘salário igual para trabalho igual’ sob controle operário; - Fixação de um salário mínimo vital para os trabalhadores jovens, sob controle dos trabalhadores tomados em sua totalidade; - Proibição de trabalho noturno, de horas extras, de serviços insalubres ou penosos; controle operário sobre a utilização do trabalho juvenil; - Igualdade para os jovens na legislação social.”*

As demandas transitórias para a juventude, entre outros pontos, alcançam a juventude feminina, onde já se colocava entre os direitos maternos, também a aplicação irrestrita do princípio ‘salário igual para trabalho igual’, pois já se verificava a discrepância de salários entre homens e mulheres.

Com relação à educação e a juventude, nas resoluções de fundação da IV Internacional, se apresenta a luta por *“abertura das escolas e das universidades a todos os jovens que desejam estudar; - educação e suporte gratuitos aos filhos e filhas de trabalhadores e camponeses. Pão, livros e direitos civis aos pauperizados!”* a luta pelo fim do vestibular, a luta por educação pública, gratuita e para todos também aparecem aqui.

A exigência ao nosso direito à felicidade é um dos pontos mais marcantes. Ele diz:

“A necessidade da juventude trabalhadora ao lazer é utilizada pela burguesia para estupidificá-la quanto para submetê-la a uma disciplina ainda mais rígida. O dever da classe operária é ajudar a criar uma juventude que seja forte e capaz de utilizar toda sua energia física e

mental na luta contra o capitalismo; ajudá-la a aproveitar o tempo livre dado pelo capitalismo para aprender a entender melhor o mundo, para ser mais capaz de transformá-lo. Portanto, os bolcheviques-leninistas exigem: - Acesso livre a todos os esportes, estádios, museus, bibliotecas, teatros e cinemas para todos os trabalhadores jovens e desempregados; - Organização do tempo livre pelos próprios jovens desempregados; - Aproveitamento de jovens intelectuais desempregados para a organização de aulas, discussões etc., de física, química, mecânica, matemática, economia política, história do movimento operário, arte, literatura etc.; - Estabelecimento de abrigos abertos à juventude trabalhadora ou desempregada, em que os jovens possam não somente ter a oportunidade de divertir-se e de instruir-se, mas também de estudar para seu proveito os problemas sociais com os quais eles se enfrentam; tais abrigos devem ser dirigidos pela própria juventude trabalhadora sob a supervisão das organizações sindicais locais.”

Assim vemos a preocupação do Programa de Transição com a juventude trabalhadora e em como aproximá-la de uma perspectiva revolucionária a partir de demandas que dialoguem com seus problemas imediatos, mas também históricos como parte da classe operária.

QUAL SUA RELEVÂNCIA HOJE?

O Programa de Transição nos oferece uma análise da crise que vivemos hoje e aponta as mesmas debilidades que se apresentavam no passado. Ao mesmo tempo, demonstra como superá-las fazendo um convite à luta revolucionária contra o capitalismo, à necessidade do socialismo em nossas vidas e à necessidade de um partido mundial e revolucionário da classe operária. A IV Internacional, que completou 81 anos em 03/09/2019, foi destruída pela ação de seus dirigentes após a morte de Trotsky, mas seu programa continua sendo um guia para a ação de milhões de jovens e trabalhadores que buscam o caminho da revolução.

“(...) A vida é bela, que as gerações futuras a limpem de todo o mal, de toda opressão, de toda violência e possam gozá-la plenamente.” (Trotsky, fevereiro de 1940)



A LUTA ENTRE O CAPITAL E O TRABALHO: ATUALIDADE DE SALÁRIO, PREÇO E LUCRO

Chico Aviz

28 de setembro de 1864, em Londres, foi fundada a Associação Internacional dos Trabalhadores, primeira organização dirigente da classe operária, com militantes em toda a Europa e nos Estados Unidos da América. A direção da AIT foi ferrenhamente disputada, especialmente entre os socialistas utópicos e os científicos, estes organizados a partir da militância de Karl Marx e Friedrich Engels.

Assim, para a devida formação e atuação dos trabalhadores neste intenso período histórico de luta por direitos trabalhistas, políticos e sociais, no auge da revolução industrial, Marx realizou um informe nos dias 20 e 27 de junho de 1865 para o Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores. Neste informe, intitulado Salário, Preço e Lucro, o revolucionário apresentou quatorze pontos para a compreensão dos processos de produção, circu

lação de mercadorias, salário pago aos trabalhadores e o lucro burguês na sociedade capitalista. Este informe, contudo, não surgiu de um preciosismo ou mero trabalho intelectual de Karl Marx. Ele é forjado a partir da luta dos trabalhadores, pois a efervescente conjuntura europeia exigia tal compreensão por parte da direção operária, vide o momento de “verdadeira epidemia de greves e um clamor geral por aumentos de salários”, como afirma Marx no início de seu informe.

Igualmente, na atualidade, a leitura e o entendimento que a juventude deve realizar deste escrito faz-se fundamental, pois a obra de Marx, mesmo sendo fruto de seu tempo, proporciona a compreensão da estrutura do modo de produção capitalista não apenas de um determinado período histórico, mas de seu funcionamento até a contemporaneidade.

A POLÊMICA TRAVADA POR MARX

O informe Salário, Preço e Lucro, além de uma necessidade para a atuação da AIT, foi tam-

bém uma resposta de Marx à uma parte do conselho geral da associação. Esta ala da direção, distante da uma luta concreta pela revolução socialista, pois baseava-se em filosofias utópicas, acreditava que a luta operária pelo aumento dos salários era inútil e que até mesmo traria malefícios para a classe trabalhadora.

Um dos principais defensores desta teoria foi John Weston, um seguidor das ideias de Robert Owen (1771-1858), empresário fundador do cooperativismo que defendia reformas sociais e melhorias, pois assim os trabalhadores renderiam mais para a produção, especialmente em sua própria indústria têxtil.

A defesa de Weston baseava-se no falso entendimento de que os aumentos dos salários provocariam altas nos preços das mercadorias, elevando, portanto, o custo de vida. Essa deturpada compreensão é derivada de duas equivocadas premissas:

1. A produção nacional seria fixa e com quantidades de mercadorias produzidas de maneira constante;
2. O salário pago ao trabalhador seria determinado pela quantidade, igualmente fixa, de mercadorias que este possa adquirir.

Porém, Marx explica em seu texto, como veremos, que o processo produtivo no modo de produção capitalista e o pagamento dos salários não são fixos ou constantes, mas variáveis. Os socialistas utópicos não compreendiam que se a realidade fosse como eles defendiam, isto é, se a produção nacional e os salários fossem quantidades constantes, estes, por sua vez, não poderiam aumentar ou diminuir.

Isso quer dizer que tanto os proletários estariam sendo ignorantes ao lutarem pelo aumento de salários quanto os capitalistas estariam sendo tolos ao impor suas baixas, pois, dentro desta lógica de Weston, todo esse processo já seria previamente fixo e constante.

OS PREÇOS DAS MERCADORIAS E O DINHEIRO

Embora os preços de mercadorias e salários não sejam constantes, quando há uma alta geral da taxa de salários durante um período transitório os preços dos produtos elevam-se com o aumento da procura e poder de compra dos trabalhadores. Porém, há um ponto fundamental para esse processo: os produtos que tornam-se mais caros são os de primeira necessidade, por serem estes os mais comprados e fundamentais para a subsistência dos operários.

Portanto, os capitalistas donos dos meios de produção de primeira necessidade compensam o aumento de salários por meio da alta dos preços dessas mercadorias. Mas os demais capitalistas que produzem artigos, por exemplo, de luxo têm sua taxa de lucro reduzida, pois, apesar do aumento, os salários dos trabalhadores não os permitem consumir tais artigos e, portanto, a demanda por seus produtos de luxo não aumentaria. Desse modo, tendo que pagar mais por produtos de primeira necessidade e sem poder repassar essa elevação aos seus próprios produtos, veriam suas rendas diminuírem.

A renda desses capitalistas diminui, mas Marx explica que mesmo com essa parte da burguesia sofrendo baixas nas suas taxas gerais de lucros, em determinadas áreas da produção e por determinados momentos, a produção variável do mercado e sua dinâmica em busca do lucro realoca capital e trabalho para outros setores produtivos. Realizadas tais mudanças, a taxa geral de lucro retorna aos níveis anteriores, igualando os diferentes ramos produtivos.

Ou seja, apenas temporariamente os preços do mercado sofrem mudanças com uma alta da

taxa dos salários. Seu efeito maior, em breves períodos, é apenas uma baixa do lucro capitalista em determinados setores da produção, mas não realizam qualquer alteração perene nos níveis dos custos de vida aos trabalhadores.

BRASIL, 2020

Na atualidade, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), cerca de 49 milhões de brasileiros têm a remuneração referenciada no salário mínimo. O Dieese também realiza anualmente a pesquisa que oferece o dado de quanto deveria ser o salário de um trabalhador brasileiro para viver com condições minimamente adequadas, sendo em janeiro de 2020 o valor de R\$ 4.342,57.

Esse cálculo é feito para atender uma família com dois adultos e duas crianças, arcando com as necessidades de saúde, alimentação, moradia, transporte e lazer, ou seja, cumprindo a Constituição Federal. Porém, em meio à crise do sistema capitalista, a pauperização da classe trabalhadora e sua exploração pela burguesia, o governo Bolsonaro anunciou, dia 14 de janeiro, um acréscimo de R\$ 6, obtendo agora o salário mínimo o valor de R\$ 1.045.

Bolsonaro ainda teve a desfaçatez de dizer, em sua conta no Twitter, que “é pouco para quem recebe, mas muito para quem paga”. Esta é uma frase que pode traduzir, pela perspectiva burguesa, um pensamento próximo ao que John Weston defendeu. Ele afirmava que não seria viável o aumento do salário, pois seria necessária uma maior quantidade de moedas em circulação para que os “altos” salários fossem pagos, desta maneira “quebrando” o país.

Porém, isso falseia a realidade, uma vez que, independente dos salários, o valor das mercadorias em circulação varia diariamente, assim como variam as notas de papel moeda emitidas pelos bancos e os pagamentos sem dinheiro, realizados por outros meios, entre outros exemplos das variáveis do mercado e do capital. Como afirma Marx, isto não passa de um *“dogma de um volume fixo dos meios de pagamento, sendo um erro monstruoso, incompatível com a realidade cotidiana. [...] as leis que permitem aos meios de pagamento adaptar-se a condições que variam de maneira tão constante em lugar de converter a sua falsa concepção das leis da circulação monetária em argumento contra o aumento dos salários”*.

Em Weston e nos socialistas utópicos, esse é um erro pela ausência do materialismo dialético em suas análises e práxis militante. Em Bolsonaro e na burguesia em geral, essa é um elemento importante para falsear a realidade e manter a exploração dos trabalhadores para a permanência da grande taxa de lucros.

VALOR, MERCADORIA E TRABALHO

O liberalismo, sendo o auge do pensamento burguês ainda revolucionário do século XVIII, defende como “lei natural” a existência da autorregulação do mercado a partir da oferta e demanda, gerando um suposto equilíbrio dos preços e saúde da economia. Porém, sendo fruto da ideologia da classe dominante para sua consolidação e permanência no poder do Estado e da sociedade, não passa de ocultamento e inversão da verdade social.

Como Marx explica, o valor do trabalho e das demais mercadorias não são, absolutamente, definidos pela procura e oferta dos mesmos. Esses dois elementos possuem a capacidade de realizar breves oscilações dos preços, mas não o valor em si da mercadoria.

Essa “lei” burguesa é um exemplo de fácil compreensão sobre a distinção de aparência e es-

sência. Sem o materialismo histórico-dialético como método de pesquisa e atuação, tem-se a aparência de que oferta e demanda regulam os preços no mercado. Mas, ao realizar um olhar mais atento, e com o próprio mercado “equilibrando” estas duas forças contrárias, há uma paralisia mútua nos preços.

Encontra-se, portanto, a essência dos preços de uma mercadoria, isto é, seu valor real. Esse valor se revela apenas quando não nos impressionamos com os efeitos transitórios que a “lei” exerce.

Mas então, não sendo a lei da oferta e da procura o que determina os preços das mercadorias, qual é a essência?

O ponto de partida para o valor da mercadoria produzida são os custos de sua produção. O salário, que nada mais é que o preço da mercadoria força de trabalho, que também é determinado pelos custos necessários para manter e reproduzir o operário. No caso da transformação de uma matéria-prima em um novo produto, soma-se ao salário, a “remuneração” (taxa de mais-valor) do dono do meio produtivo, ou seja, o capitalista e/ou proprietário da terra, o desgaste da maquinaria e o custo com matérias-primas, compondo então os custos da produção de determinada mercadoria. Supondo, uma taxa de mais-valor (m) de 100%, um salário (s) de 1, uma matéria-prima de 1 (p) e um desgaste da máquina (d) de 1, temos como valor da mercadoria a soma de $(m + s + p + d) = (1 + 1 + 1 + 1) = 4$. Quando o capitalista vende a mercadoria ele realiza seu lucro, isto é, tem o capital investido retornando em suas mãos com um acréscimo que foi gerado pela valorização que a força de trabalho deu à matéria-prima ao transformá-la em algo novo.

Ou seja, o valor das mercadorias regula-se não pela suposta lei liberal, mas por uma composição de outros valores – o valor do trabalho pago e do trabalho não pago (mais-valor), o valor da matéria-prima e o desgaste da maquinaria. Não no processo de circulação, mas no processo de produção. Embora àquela altura Marx utilizasse preço e valor como sinônimos, anos mais tarde, em *O capital*, ele distingue essas duas categorias, explicando que, naturalmente, o preço guarda uma relação com o valor, uma vez que ocorre uma transformação da quantidade de trabalho contida em uma tonelada de ferro, por exemplo, em uma quantidade imaginária de dinheiro. “O preço é a denominação monetária do trabalho objetivado na mercadoria” (Marx, *O Capital*). Mas esse processo não está livre de contradições tanto quantitativas quanto qualitativas. A primeira se dá em uma certa incongruência entre a grandeza quantitativa de valor e preço e uma incongruência qualitativa, onde o preço deixa de ser expressão do valor.

Isto posto, apesar de todas as possibilidades aparentes de se impor um valor às mercadorias, Marx demonstra que há algo essencial: a substância social comum a todas as mercadorias, o trabalho.

“Aquele que produz um objeto para seu uso pessoal e direto, para consumi-lo, cria um produto, mas não uma mercadoria. Como produtor que se mantém a si mesmo, nada tem com a sociedade. Mas para produzir uma mercadoria, não só se tem de criar um artigo que satisfaça uma necessidade social qualquer, como também o trabalho nele incorporado deverá representar uma parte integrante da soma global de trabalho investido pela sociedade. Tem que estar subordinado à divisão de trabalho dentro da sociedade. Não é nada sem os demais setores do trabalho, e, por sua vez, é chamado a integrá-los”.

Já a quantidade do trabalho é medido pelo tempo que dura – horas, dias etc. Marx conclui, portanto, que “uma mercadoria tem um valor por ser uma cristalização de um trabalho social”. Quer dizer que um valor maior ou menor é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário para tal produção.

“Por exemplo, o valor de uma determinada quantidade de fio de algodão é a cristalização da quantidade de trabalho incorporada ao algodão durante o processo da fiação e, além disso,

da quantidade de trabalho anteriormente plasmado nesse algodão, da quantidade de trabalho encerrada no carvão, no óleo e em outras matérias auxiliares empregadas, bem como da quantidade do trabalho materializado, na máquina a vapor, nos fusos, no edifício da fábrica, etc.”.

Faz-se importante alertar, porém, que isto não significa que, por exemplo, se um operário demorar mais que o outros para produzir determinada mercadoria esse seu produto será mais caro, pois demorou mais tempo para estar pronto. Marx reitera que é o trabalho social que determina o valor, obtendo “social” uma gama de implicações, como um dado estado social, inúmeras condições materiais médias para se produzir, bem como a intensidade e habilidade no trabalho, dentre outras questões. Não se refere, portanto, a um operário, supostamente individual. Mas ao corpo fabril e seu contexto social. Assim, o trabalho socialmente necessário para uma produção varia constantemente, sendo determinantes para essa variação o mercado mundial e o nível de produtividade das cadeias produtivas envolvidas na produção de uma determinada mercadoria.

HUMANO, UMA MERCADORIA PARA O CAPITAL

Nas lutas estudantis, recorrentemente ouvimos uma palavra de ordem que, apesar das boas intenções, não expressa a realidade e demonstra a necessidade de uma direção munida do marxismo para organizar a juventude. A palavra de ordem diz que “educação não é mercadoria” para combater as privatizações, aumentos de mensalidade etc.

O grande problema desta palavra de ordem é, de fato, cumprir um papel de fazer a juventude crer que a educação, no modo de produção capitalista, pode não ser uma mercadoria.

Neste sistema, engendrado pelo valor de troca e a exploração do homem pelo homem, tudo é transformado em mercadoria, começando conosco, os humanos. Uma classe possui o acúmulo do capital, outra vende o único “acúmulo” que lhe pertence: sua força de trabalho.

Como vimos anteriormente, um produto possui o valor de uma quantidade de trabalho social necessário. Além disso, faz-se fundamental o entendimento que o trabalhador vende ao capitalista não a categoria trabalho – a relação e intervenção do humano na natureza para a produção e reprodução da vida –, mas a sua força de trabalho. Isto é, ele cede temporariamente ao patrão o direito de utilizar esta força vital para a produção e apropriação.

Diferente do escravo, que deveria ser mantido integralmente pelo seu dono pois era sua propriedade, o assalariado é livre. O assalariado deve, portanto, manter-se e, para tal, deve vender horas de seus dias para a autossobrevivência.

Marx utiliza o importante economista e filósofo inglês Thomas Hobbes para explicar tal venda da força de trabalho humana, citando seu livro *O Leviatã*, de 1651: “o valor de um homem é, como para todas as outras coisas, o seu preço; quer dizer, o que se pagaria pelo uso de sua força”. Porém, há um agravante imposto pelo capital.

Esse mercado de vendas somente é livre após ter levado os trabalhadores a uma situação tal que nenhuma outra opção lhes restou a não ser vender-se aos capitalistas. De um lado do balcão estão compradores que possuem todos os meios produtivos necessários, incluindo a própria terra usurpada dos camponeses – doravante proletários – no processo de cercamentos para a produção industrial. Doutro lado, os que nada possuem senão seus braços, mãos, pernas e cérebros.

Esse cenário configurou-se historicamente pela expropriação originária. Ou seja, os processos históricos de separação do trabalhador de seus próprios instrumentos de trabalho.

O valor da força de trabalho é, portanto, a necessária para sua própria sobrevivência, mesmo que seja em extrema pauperização, mas que ainda seja capaz de produzir e se reproduzir. Consis-

te, nas palavras de Marx, “pura e simplesmente, na sua individualidade viva”.

Nisto é o que podemos identificar como os produtos de primeira necessidade para a manutenção do humano, que, como uma máquina, se deteriora e precisa ser substituído em determinado momento para o lucro burguês manter-se. Para além dele próprio, o trabalhador livre precisa sustentar seus filhos, pois estes são os destinados a substituí-lo no mercado. Dentre outros gastos, assim forma-se o valor da força de trabalho.

Marx deixa igualmente claro que o grito por uma plena “igualdade de salários”, ou seja, o mesmo salário para profissões diferentes, significa um erro, um “desejo oco, que jamais se realizará”, pois cada setor produtivo possui custos distintos para a qualidade do resultado. Portanto, acreditar que é possível até mesmo uma redistribuição justa da riqueza dentro do sistema capitalista, como muito se diz em algumas organizações de esquerda que bradam por “justiça social”, é um desconhecimento temerário da realidade capitalista, é como “pedir liberdade” – diz Marx – “na base do sistema da escravatura”.

EXTRAÇÃO DO MAIS-VALOR

Visto todo esse processo que engendra a produção capitalista, Marx apresenta no oitavo capítulo de seu informe ao Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores o que é a extração do mais-valor – ou mais-valia.

A juventude trabalhadora, assim como toda a nossa classe, das 8 horas médias de trabalho diário que realiza, é paga por somente, suponhamos, 4 ou 5 horas. As horas restantes, trabalhadas com a mesma intensidade de exploração, são extraídas pelo capitalista, sendo essas horas o que Marx cunhou como o mais-valor. O revolucionário ensina didaticamente que a quantidade de trabalho limitada por um valor da força de trabalho não impõe limites à quantidade de trabalho que esse trabalhador pode realizar.

Ao comprar a força de trabalho, o capitalista paga o valor de subsistência do trabalhador, mas não sua capacidade total para um dia ou uma semana trabalhada. Embora não pague, ele possui o direito de extrair todo o potencial produtivo desse humano ou, pelo menos, grande parte desta força vital. É, portanto, o sobretrabalho. Porém, não trata-se de um “roubo”, como os socialistas utópicos chamavam como uma crítica moral à exploração do homem pelo homem, pois faz parte do engendramento do sistema, sendo uma extração legitimada pela justiça burguesa.

Como processo de alienação do trabalho, reforçada pela ideologia da classe dominante, o trabalhador, porém, ao receber o valor de seu trabalho acredita que foi pago quase que integralmente. Isto é, imagina que sua força de trabalho entregue pelas 8 horas diárias ao capitalista possui esse próprio valor ou próximo disto.

Tal aparência faz com que o trabalho assalariado possua uma grande distinção dos outros modos de produção. Neste sistema o trabalho não remunerado é, por vezes, compreendido como pago.

Ao contrário, na escravidão, por exemplo, como o humano juridicamente significava uma propriedade para o escravista, não havendo qualquer mediação contratual ou semelhante a isso entre escravo e senhor, o trabalhador entendia que seu trabalho não era pago, sendo somente sustentado para sua subsistência, assim como um animal da fazenda. Neste sistema, até parte do trabalho que poderia surgir como excedente para o escravo era, portanto, interpretado como sendo parte do seu processo produtivo enquanto escravizado, com esse “lucro” para suas necessidades primárias.

Esse exemplo pode ser estudado em alguns períodos no Brasil, onde os chamados “escravos

de ganho” realizavam tarefas remuneradas a terceiros, especialmente nas áreas urbanas. Parte dessa remuneração ficava com ele, a outra com seu dono.

Assim, embora as condições de vida do trabalhador escravizado e do trabalhador livre sejam historicamente distintas, em última instância o sistema de exploração e não pagamento da força de trabalho dispensado para a produção possuem semelhanças.

Do lado do explorador, a extração do mais-valor é igualmente complexa. Marx explica que ela divide-se em diversas partes. Esse, que é o lucro do capitalista, não é integralmente embolsado pelo burguês, pois este empregador tem suas despesas para pagar, seja o próprio terreno, isto é, a terra no caso da agricultura ou o espaço onde a indústria, a pequena fábrica ou o comércio estão inseridos, seja a maquinaria necessária para a produção. Dentre diversas outras formas, como a necessidade de um determinado capitalista ter de pagar a um rentista que lhe alugou determinado meio produtivo. Pode-se compreender, assim, pelo menos três categorias guarda-chuvas que dividem o mais-valor: a renda territorial, os juros e o lucro industrial.

“O TEMPO É O CAMPO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO ”

– MARX, CAPÍTULO XIII

Esse informe de Marx, como já mencionado, surge das condições históricas da formação da AIT. Após mais de um século de luta dos trabalhadores, podendo armar-se da ciência revolucionária, muitas conquistas foram arrancadas por nossa classe, dentre elas a redução da jornada de trabalho sem uma paralela redução salarial.

No Brasil, temos o exemplo histórico do Movimento das Fábricas Ocupadas, iniciado com a tomada do poder produtivo pelos trabalhadores da Cipla e da Interfibra em 1º de novembro de 2002, em Joinville (SC). Traduz-se como a salvação de mais de mil empregos nas duas fábricas, que estavam em falência pela devastadora gestão de seus capitalistas. O movimento obteve uma consolidação com o controle operário e direção organizada pelos camaradas da Esquerda Marxista, com resultados impressionantes e conquistas concretas pelos trabalhadores, sendo obstruída pela criminosa intervenção federal nas fábricas em 31 de maio de 2007.

Este e outros exemplos históricos da luta dos trabalhadores demonstram a atualidade da teoria marxista e como faz-se necessária a leitura, o debate e a militância estar munida desta ciência, que desvela a ideologia burguesa e a alienação do trabalho.

Conquistas como o aumento significativo na produção e faturamento; pagamento dos salários em dia desde o primeiro ano de ocupação; redução de acidentes de trabalho; redução da jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais a partir de assembleia dos trabalhadores, sem a redução do salário; dentre outras vitórias foram adquiridas na Cipla e Interfibra pela atuação revolucionária e a compreensão de textos como Salário, Preço e Lucro.

Por isso a crucial importância da conexão dialética entre teoria e prática, pois guardadas as especificidades históricas das produções de Marx, Engels, Lênin e Trotsky, a estrutura opressora do modo de produção capitalista segue presente em nossos dias, assim como seus escritos seguem concretamente ativos e atuais para a juventude combater este sistema.

No capitalismo, somos limitados e cerceados do tempo livre, das nossas plenas habilidades e potenciais de desenvolvimento, pois somos absorvidos pelo trabalho alienante, pelo capitalista que transforma o humano em “uma simples máquina”, como diz Marx, “fisicamente destruída e espiritualmente animalizada, para produzir riqueza alheia”.

Marx demonstra, assim, que a luta pelo aumento salarial, bem como a luta contra seu rebai-

xamento, deve ser conjunta com lutas radicais, como a ocupação de fábricas e organização geral da classe visando, de fato, a tomada do poder.

São estas lutas para o hoje que forjam a consciência de classe, dão ânimo à juventude e aos trabalhadores e demonstram que outro mundo é possível. As lutas salariais fazem parte desta gama de conquistas, que “numa palavra, é a reação dos operários contra a ação anterior do capital”

Apesar de toda a miséria que este sistema impõe, ele também propicia as condições materiais e formações sociais necessárias para a transformação da sociedade sob a bandeira revolucionária da “Abolição do sistema de trabalho assalariado” e o fim da exploração do homem pelo homem.

Comecemos, portanto, com o Fora Bolsonaro e a construção de um governo dos trabalhadores!



EUREKA!

LUTA DE CLASSES

DIALECTICA

MATERIALISMO

Piquete

A ÚNICA UTOPIA É A QUE A VIDA PODE MELHORAR SOB O CAPITALISMO. AS CONTRIBUIÇÕES DO LIVRO “DO SOCIALISMO UTÓPICO AO CIENTÍFICO”

Lucas Mendes

Uma das maneiras da burguesia de atacar os socialistas é dizerem que são utópicos, que suas ideias não passam de um sonho impraticável. Friedrich Engels explicita muito bem em seu livro *Do socialismo utópico ao socialismo científico* como surge o socialismo científico (o marxismo) superando assim os pensamentos desenvolvidos pelos socialistas utópicos.

A partir dos ensinamentos da Revolução Francesa pensadores da época verificam que os antagonismos entre as classes sociais não cessaram e que os seus ideários de igualdade, fraternidade e liberdade não eram verdadeiros para as classes oprimidas, portanto, a batalha pela superação dos antagonismos de classe continuava na ordem de dia. Em suas palavras: “O socialismo moderno é, em primeiro lugar, pelo seu conteúdo, fruto reflexo na inteligência, por um lado dos antagonismos de classe que imperam na moderna sociedade entre possuidores e despossuídos, capitalistas e operários assalariados, e, por outro lado, da anarquia que reina na produção”.

O socialismo, inevitavelmente, se liga às ideias existentes no momento histórico em que começou a ser elaborado, ideias estas que são a expressão dos fatos materiais.

Com a Revolução Francesa uma nova atitude perante a sociedade é imposta, onde todas as linhas de pensamento que antes eram ditas como a verdade absoluta agora estavam sujeitas a se justificar perante o foro da razão, ou deixar de existir. Dessa forma, a religião, a concepção da natureza, a sociedade, a ordem estatal, as relações sociais e todos os atos humanos que não se enquadrassem à nova forma de ver o mundo eram considerados subvertidos.

Esse período corresponde a época das luzes, do iluminismo e do período progressista da burguesia como classe em luta contra o obscurantismo religioso do feudalismo. Hoje, porém,

é muito claro que o esse império da razão era algo que servia aos seus interesses para se tornar classe dominante, mas, com a tomada do poder, converte, por exemplo, a justiça nana justiça burguesa, a igualdade na igualdade burguesa.

A Revolução Francesa nasce da busca da burguesia por novas mecânicas, vinculadas às concepções científicas, para atender à sua necessidade de novas relações sociais e monetárias para crescimento do capital. O antagonismo entre a burguesia e a nobreza feudal é colocada de forma intensa, mas a burguesia se firma como representante de todo o resto da sociedade. A burguesia se torna a classe dominante acima de qualquer outra. A paz prometida pela revolução se mostrou uma guerra de conquistas interminável. O antagonismo entre pobres e ricos ficou cada vez mais intenso, a medida em que propriedade burguesa se torna um dos mais essenciais direitos do homem e o Estado da razão se transforma na república democrática burguesa.

A “libertação da propriedade” do modelo feudal fez com que a propriedade privada fosse absorvida pelo grande capital. A ascensão da indústria sobre as bases capitalistas, ainda mais com forte influência da revolução industrial, fez com que a miséria e a condição de vida desumana dos trabalhadores se tornasse algo naturalizado e comum.

Esses retratos iluminam as mentes dos fundadores do socialismo utópico, que ao ver a contradição de classe, pretendem tirar de suas cabeças a solução para os problemas sociais que a sua época mostrava. Um novo sistema foi idealizado, movido pelo reino da utopia, porém que mais à frente serviram de germe para o socialismo científico.

Saint-Simon era um filho da grande Revolução Francesa. A revolução foi fruto de grande parte ativa da população, porém foi possível notar que o triunfo foi de apenas uma pequena parte da população, pois o poder político e econômico é destinado a burguesia controlar. Por isso, na ideia de Saint-Simon, depois da revolução o antagonismo toma a forma de um antagonismo entre “trabalhadores”, que estavam diretamente ligados aos processo de produção, e os “ociosos” que lucravam sem intervir no processo de produção. Vendo que ociosos não tinham mais capacidade de governar a sociedade, Saint-Simon sugere que a indústria e a ciência se unissem por um novo laço religioso, um “novo cristianismo”, com o intuito de restaurar as ideias religiosas superadas pela revolução. O problema é que a ciência era regida pelos sábios acadêmicos que eram movidos pela “razão” e a indústria, principalmente, por burgueses que eram movidos por manter seus privilégios. Em 1816, Saint-Simon declara que a política é a ciência da produção e prediz já a total absorção da política pela economia. Então a ideia de que a situação econômica são bases para as instituições políticas é idealizada pela primeira vez.

Posteriormente, Charles Fourier desmascara as promessas feitas pela Revolução Francesa e faz críticas muito pertinentes. É o primeiro a observar o grau de submissão das mulheres na sociedade e aponta que o grau de emancipação da mulher numa sociedade pode servir como um medidor geral da emancipação de toda a humanidade. Fourier idealizou toda uma transição da sociedade até chegar ao socialismo, chamado por ele de societismo. Nessa transição existiam sete etapas: o estado de natureza, uma época inicial de liberdade e igualdade social; a selvageria, onde surgem os primeiros conflitos devido à interesses distintos; o patriarcado, onde os mais fortes (os homens) se tornam chefes de famílias e criam-se os núcleos familiares; a barbárie, idade média; a civilização, onde acontece o individualismo e o empobrecimento de grande parte da população (fase que, segundo ele, estava acontecendo); o garantismo, onde é perceptível a necessidade de uma transição para uma sociedade socialista e, por fim, o societismo, onde a sociedade se organiza em núcleos de produção autossuficientes em que é possível produzir o que é necessário e trabalhar o quanto é necessário conforme a vontade e necessidade do indivíduo.

Para Fourier, a etapa da civilização, que era a que ele estava vivendo, movia-se num ciclo de contradições que se reproduzia constantemente sem conseguir se superar e sempre se conseguia o contrário. Essa ideia tinha uma linha parecida com a dialética que Hegel demonstrava, porém

muito menos estruturada e com linhas presas em seu idealismo.

O terceiro socialista utópico a ser analisado é Robert Owen. Esse teve um papel fundamental na noção de exploração em que trabalhadores estavam submetidos. Owen pôde observar de perto as péssimas condições de moradia, higiene e trabalho quando trabalhou na Escócia. Em determinado período de sua vida, Owen se tornou sócio de uma empresa onde investiu nas condições de trabalho. Ele teve a noção de que o produto do trabalho dos trabalhadores pertence aos trabalhadores.

Em 1819, por grande influência de Owen, foi votada a primeira lei que limitava o trabalho de mulheres e de crianças nas fábricas. Em 1823, Owen desenvolve o chamado comunismo oweniano, onde é proposto um sistema de colônias comunistas para combater a miséria na Irlanda. Nesse sistema é ofertado um orçamento completo de despesas de instalação, desembolsos anuais e rendas prováveis. Segundo ele, existiam três principais obstáculos no caminho de uma reforma social: a propriedade privada, a religião e a forma atual de casamento. Porém esses obstáculos são bases para o domínio da burguesia e foi onde Owen perdeu o grande apoio.

As ideias dos utopistas dominaram por muito tempo as ideias socialistas do século XIX, porém todos eles caíam em um grande e crucial erro, como aponta Engels “todos achavam que o socialismo era a expressão da verdade absoluta, da razão e da justiça, e é bastante revelá-lo para que graças à sua virtude, conquistar o mundo. E como a verdade absoluta não está sujeita a condições de espaço e tempo nem ao desenvolvimento histórico da humanidade, só o acaso pode decidir quando e onde essa descoberta se revelará.” Todos esses socialistas eram idealistas e as suas “verdades absolutas” estavam pregadas em suas realidades e não podiam representar uma verdade universal, assim era necessária uma forma de pensar que abrangesse todas as realidades diferentes e fosse materialista.

Além dos socialistas utópicos, uma outra grande influência para o desenvolvimento do socialismo científico, foi a filosofia alemã, representada por Hegel. O grande passo de Hegel foi restaurar a dialética grega e dar uma estrutura mais moderna a ela. A ideia de dialética é observada pela primeira vez na história nas falas de Heráclito que, ao observar um rio, faz uma analogia precisa sobre a nossa sociedade, dizendo que assim como o rio, a nossa sociedade está em constante mudança. Aristóteles e outros filósofos gregos beberam dessa fonte para desenvolverem as suas próprias ideias de dialética, que não evoluíram além de sua época.

Na Idade Média, o método metafísico de especulação foi instaurado. Nesse método, diferente da dialética, não existiam meio termos para as perguntas, ou é sim ou é não. Isso foi uma grande oportunidade para o desenvolvimento das verdades absolutas e do idealismo religioso da Idade Média. Ideias como “certo” e “errado” eram impostas pela Igreja sem a necessidade de uma crítica da sociedade, que deviam apenas aceitar. Tudo que era certo era representado pela ideia de Deus e o que era errado, na visão das figuras religiosas que as impunha, era considerado errado e mau, sem o menor espaço para o diálogo.

Hegel, representa o apogeu da filosofia alemã, que pela primeira vez concebe o mundo da natureza, da história e do espírito como um processo em constante mudança e desenvolvimento. A dialética hegeliana era formada por três etapas: a tese, a antítese e a síntese. Ao elaborar algum pensamento sobre determinado fato o indivíduo criava a tese. Quando um segundo indivíduo criava outro pensamento contradizendo o primeiro ele criava a antítese. A junção das duas ideias com base na argumentação gerava a síntese, porém a síntese se tornava a nova tese e assim estaria sujeita a mais modificações conforme novas contradições. Hegel, porém, caía no mesmo erro de todos os socialistas utópicos: ele era idealista. Para ele, as ideias em suas cabeças não eram imagens abstratas dos objetos e fenômenos da realidade, mas sim ao contrário, que todo o mundo material eram projeções realizadas das ideias, que sempre existiu, não se sabe como, desde antes do mundo existir. Assim é impossível não perceber o caráter artificial que as suas concepções,

mesmo que várias delas tivessem conexões muito precisas.

Em 1831 estoura, em Lyon a primeira insurreição operária, e de 1838 a 1842, os cartistas ingleses organizam o primeiro movimento operário nacional. A luta de classes estava cada vez mais escancarada, pois agora existia o socialismo francês e inglês junto à filosofia alemã de Hegel. Porém, na visão idealista da história, não existia a luta de classes, o que era contraditório com a realidade. Então chega o momento em que os fatos obrigaram uma revisão de toda a história com a visão dialética da história se chegou à seguinte conclusão “Toda a história anterior, com exceção do estado primitivo, era a história das lutas de classes, e que essas classes sociais em luta entre si eram em todas as épocas fruto das relações de produção e de troca, isto é, das relações econômicas da sua época; que a estrutura econômica da sociedade em cada época constitui, portanto, a base cujas propriedades explicam, em última análise, toda a superestrutura integrada pelas instituições jurídicas e políticas, assim como pela ideologia religiosa, filosófica, etc., de cada período histórico.” Agora Hegel, não só traz a dialética de volta a história, mas como a usa para libertar a história da visão metafísica, porém, mesmo assim a interpretação hegeliana da história era essencialmente idealista.

Desse modo o socialismo já não podia mais ser considerado uma descoberta casual que passa de um intelecto para o outro, mas sim algo necessário da luta de duas classes sociais que se formaram historicamente. O problema é que o socialismo utópico era incompatível com a visão materialista da história. O socialismo utópico criticava o capitalismo, mas não podia explicá-lo. O socialismo precisava ser materialista e dialético também. Então Karl Marx e Friedrich Engels entra em cena o socialismo científico.

Juntos eles lançaram as bases da dialética materialista: a lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa que se refere as transformações qualitativas e quantitativas que podem ser observadas na natureza e aplicadas na sociedade; a lei da unidade dos contrários, ou seja, a ideia de que os lados que se opõem, são na verdade uma unidade, da qual um dos lados prevalece; a lei da negação da negação, da qual a negação e a afirmação são superadas.

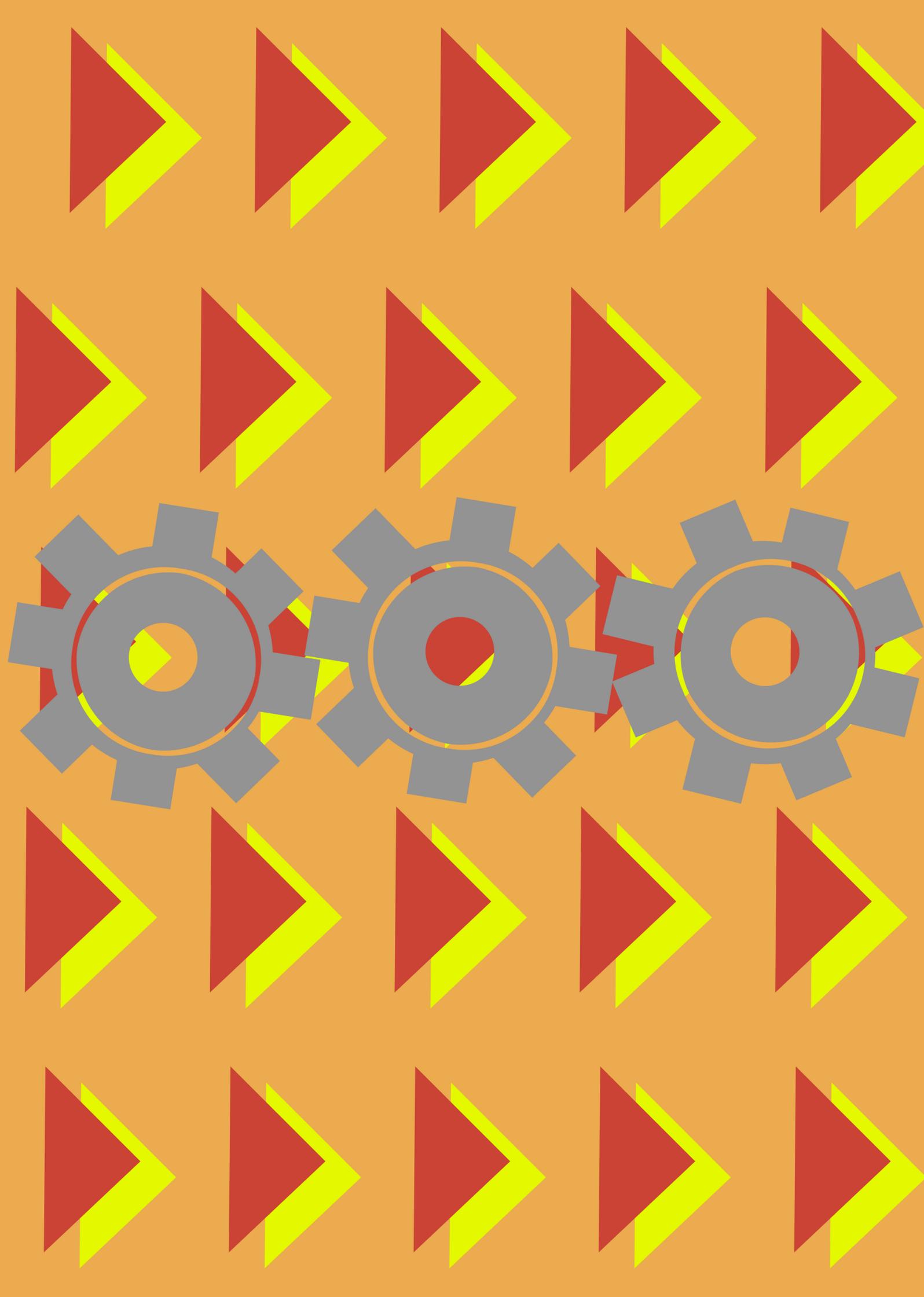
Com Marx, uma concepção materialista da história surge. Com essa concepção fica claro que os motivos das transformações sociais e das revoluções não devem ser procurados nas ideias dos homens, mas transformações operadas no modo de produção e de troca, não devem ser procuradas na filosofia, mas na economia de cada época. A ordem social vigente também passa a ser vista a partir da influência da classe dominante e por isso que as ideias dominantes em cada período histórico são as ideias da classe dominante. O modo de produção capitalista superou os limites que a ordem feudal impunha, pois os privilégios locais e dos estados eram incompatíveis com o que o novo mercado. Os embates entre as forças produtivas e modelo de produção apontavam para uma superação do modelo econômico da época, o feudalismo, era necessária uma nova filosofia adequada a esse novo modo de produção, que rompesse totalmente com a ideia de um deus que centraliza o conhecimento e então conhecemos o século das luzes, com a ideia do homem no centro, o desenvolvimento das ciências e das artes e sua aplicação à produção da vida material. Nesse ponto o socialismo moderno é um reflexo do conflito material, principalmente dos operários, que eram os que mais sofriam as consequências do modo de produção, mas também de toda a sociedade.

Marx observou na forma capitalista de produção que os capitalistas, que eram donos dos meios de produção, se apropriavam do trabalho não pago feito socialmente pelos trabalhadores, e com isso a descoberta da mais-valia. A contradição entre a produção social e parte que o capitalista se apropriava era manifestado agora como “o antagonismo entre a organização da produção dentro de cada fábrica e a anarquia da produção no seio de toda a sociedade.” segundo Marx.

Conforme a indústria se desenvolvia, as máquinas começavam a substituir uma massa de trabalho humano, fazendo com que elas se tornassem supérfluas. Esses trabalhadores que esta-

vam sobrando serviam basicamente para manter o salário do trabalhador conforme a necessidade do capitalista para obter o maior lucro possível, o chamado exército industrial da reserva, então o desemprego era estrutural do sistema capitalista. Muitas crises afetam o modo de produção capitalista, para evitar a desvalorização de certas mercadorias tendo em vista a concorrência do mercado, certos setores industriais se unem para formar um truste (um consórcio destinado a regular a produção), onde era determinado a quantidade e o valor da mercadoria produzida. Em pouco tempo os monopólios são formados, agora a exploração estava muita mais escancarada, era uma selva onde os investidores jogavam seus “cupons” na bolsa e os capitalistas de todos os tipos arrebatavam uns aos outros, os seus capitais. Porém do outro lado, a imensa maioria da população é convertida em trabalhadores, onde são forçados a fazer a revolução para se libertar das condições que lhes são impostas.

Marx e Engels abriram, com suas ideias, uma nova era para o desenvolvimento humanidade, longe da idealismo que prendeu a racionalidade por tanto tempo. Resta agora que todos os trabalhadores do mundo inteiro entendam que a revolução não é utópica, ela é concebida a partir de fatos materiais. A única utopia é a ideia de que existe um futuro para o conjunto da classe trabalhadora dentro do sistema capitalista.



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO PERMANENTE

Mell Pecóis

O livro *A Revolução Permanente* foi publicado pela primeira vez em 1930. Trotsky o escreveu quando se encontrava exilado em Alma-Ata, Cazaquistão. Porém, suas principais ideias foram teorizadas antes de 1905.

Quase três décadas após a criação do “núcleo duro” da teoria, Trotsky se viu obrigado a retomar sua defesa: “(...) A consciência social tem horror ao vácuo”. Durante anos o vácuo teórico foi preenchido com falsificações e calúnias em nome do anti-trotskismo. A gota d’água foi um artigo escrito por Karl Radek, antigo membro da Oposição de Esquerda, que colocava a teoria da revolução permanente em confronto com as ideias de Lênin. Era o caminho de Radek para a capitulação.

A Oposição de Esquerda foi uma corrente interna do Partido Bolchevique fundada por Trotsky, em 1923, que combatia a política desenvolvida por Stalin e se constituiu como base da luta marxista contra a reação ideológica. Mas o trabalho de Radek não tem, segundo o autor, “uma análise aprofundada das fontes e documentos, nem uma perspectiva histórica justa”, considerando que haviam se passado três revoluções para dar-lhe experiência. Mas o que significa revolução permanente?

A TEORIA DA REVOLUÇÃO PERMANENTE E O SOCIALISMO EM UM SÓ PAÍS

Durante quase toda a década de 1920 o desdobramento da luta de classes internacional não trouxe resultados positivos, por vários motivos, desde certa estabilidade do capitalismo mundial pós-guerra, mas principalmente devido ao início da burocratização da Terceira Internacional, o que levou a derrota de diversas revoluções, como a revolução alemã e a consequente ascensão de Hitler, a vitória de Franco na Espanha. As mesmas derrotas, por sua vez, acabavam por fortalecer

a própria burocracia, dado o isolamento da Rússia Soviética.

Os quatro primeiros congressos da Terceira Internacional Comunista (IC) foram vitoriosos e termos de importantes contribuições revolucionárias. Mas após a morte de Lenin, a URSS sofreu com uma degeneração nacionalista histórica, que influenciou o declínio da Internacional Comunista, nas mãos de Zinoviev e Stalin. As ordens vinham de cima para baixo, com manobras, ameaças e expulsões arbitrárias, muito mais fáceis do que convencer politicamente e de forma paciente os camaradas nas discussões.

Após o proletariado alemão não conseguir tomar o poder no país, graças às campanhas ultra esquerdistas de Zinoviev e Stalin contra a Frente Única, todas as esperanças dos trabalhadores russos retornaram quando uma revolução chinesa era iminente. Trotsky relata que inclusive nesse período a Oposição começou novamente a recrutar militantes. Porém, toda a reação ideológica contra sua teoria trabalhava em um processo de sabotagem da revolução chinesa de 1923, e culminou em sua trágica derrota. Os principais elementos da política stalinista são a defesa do “socialismo em um só país”, o que significava, na prática, o isolamento da revolução russa e a teoria da revolução por etapas, que tinha como centro a capitulação frente as burguesias “progressistas” e o abandono da ditadura do proletariado, isto é, da própria revolução socialista.

A REVOLUÇÃO CHINESA E A INTERNACIONAL

O Partido Comunista chinês foi fundado em 1921. No país existia um partido nacionalista forte e de massas, o Kuomintang (KMT). Sob a desculpa de que uma revolução libertadora nacional se faria em pouco tempo abrindo caminho para uma tomada socialista, os dirigentes da Internacional Comunista, em 1924-25, ordenaram que os integrantes do Partido Comunista chinês adentrassem o KMT de forma individual, e a ele se subordinassem. Os soviets foram desmobilizados, o movimento agrário foi contido sob ordens de Stalin e Zinoviev. O Comintern sob o comando stalinista impunha sobre a China sua política de capitulação, com a autoridade de quem “representava a herança” de Lenin e da Revolução de Outubro.

Uma série de erros de estratégia, desde a defesa da palavra de ordem de ditadura democrática (substituindo a da ditadura proletária), e concessões à burguesia nacional desmoralizaram o Partido Comunista chinês. Depois de tudo isso, a construção de um movimento operário forte com bases socialistas ficou impossibilitada, e sua tentativa foi massacrada pelo Kuomintang. A caçada contra os comunistas e líderes da classe trabalhadora e camponesa começou. Milhares de militantes chineses foram fuzilados.

O PAPEL DOS CAMPONESES E A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA

Trotsky se opunha a fórmula ditadura democrática do proletariado e dos camponeses que a Internacional Comunista usava como dogma. A fórmula foi imposta como palavra de ordem aos trabalhadores chineses organizados, sem que se fizesse uma análise histórica da luta de classes na Revolução de 1905, de fevereiro de 1917, nem da própria Revolução de Outubro. Mas essa palavra de ordem, criada por Lenin como uma hipótese estratégica, nunca existiu ou foi comprovada realmente. Apesar de crer na real importância social e revolucionária dos camponeses, afirmava que os mesmos não são capazes de um papel revolucionário independente do proletariado, nem mesmo de formar um partido independente.

Também se opondo a ideia de que, ao caminhar para a ditadura do proletariado, o país atrasado teria que passar por longos anos de democracia burguesa (teoria da revolução por etapas),

como se ela fosse um fim em si, a teoria da revolução permanente afirma que as tarefas democráticas estão intrinsecamente vinculada à revolução socialista. Os países atrasados, para alcançarem as tarefas democráticas não executadas pelas suas próprias burguesias dado seu atraso e dominação, somente as alcançariam com uma revolução socialista. “Desta maneira, tonava-se permanente o desenvolvimento revolucionário que ia da revolução democrática à transformação socialista da sociedade”, explica Trotsky.

O INTERACIONALISMO NA REVOLUÇÃO PERMANENTE

Um dos mais importantes aspectos da teoria da revolução permanente é o internacionalismo. Um Estado proletário isolado, vítima de contradições internas e externas criadas por esse isolamento, tende a sucumbir. As forças produtivas da sociedade capitalista já ultrapassaram as fronteiras nacionais. Cientes disso, os marxistas devem saber que o socialismo deveria representar um estágio mais elevado politicamente, mas também na área da produção e da técnica. Construir um socialismo “nacional” é fazer as forças produtivas recuarem em relação ao capitalismo.

Trotsky afirma que “o internacionalismo não é um princípio abstrato: ele não é senão o reflexo político e teórico do caráter mundial da economia, do desenvolvimento mundial das forças produtivas e do ímpeto mundial da luta de classes”. Ou seja, a revolução nacional apenas representa uma das conexões da revolução internacional. E justamente por causa destes representa um processo permanente.

“O programa realista de um Estado operário isolado não deveria propor-se a atingir a independência em relação à economia mundial, nem muito menos construir uma sociedade socialista nacional dentro do mais breve prazo. Seu objetivo será obter não os ritmos abstratos e máximos, mas os ritmos melhores, que derivassem das condições econômicas internas e mundiais, que consolidassem as posições do proletariado, que preparassem os elementos nacionais da sociedade socialista internacional do futuro, e que, ao mesmo tempo, e antes de tudo, melhorassem sistematicamente o nível de existência do proletariado (...)”. (TROTSKY, 2007, p. 51-52)

Todas essas questões estão conectadas e formam toda a teoria. O stalinismo as separa de forma oportunista, para tirar proveito, falsificá-la, descartá-la como “trotskismo”. Para os stalinistas, geralmente disfarçados de “marxista-leninistas”, a luta por uma revolução internacional deixa de ser essencial para a vitória do socialismo, e a sociedade socialista isolada se torna um fim em si, daí sua capitulação às burguesias nacionais, contra a “ameaça fascista” ou as “forças reacionárias”.

A LEI DO DO DESENVOLVIMENTO DESIGUAL E COMBINADO E AS PARTICULARIDADES NACIONAIS

Uma das principais contribuições para a teoria marxista do século XX foi a Lei do desenvolvimento desigual e combinado já elaborada por Marx e Engels e desenvolvida por Trotsky. Com ela aprendemos que os países atrasados não precisam passar por todas as mesmas fases de desenvolvimento que os países avançados. E que os trabalhadores destes países não precisam apoiar a burguesia (que há muito já perdeu seu caráter revolucionário), como antes fizeram na Revolução Francesa. Um projeto revolucionário autônomo e de classe deve ser composto na luta contra o grande capital para a vitória da revolução socialista, de acordo com as particularidades de cada país.

A Revolução de Outubro é um ótimo exemplo prático dessa lei. A Rússia adotou indústrias modernas ao mesmo tempo em que mantinha um regime semifeudal e predominantemente agrário. Mesmo assim os trabalhadores russos conquistaram o poder antes de qualquer outro país com uma economia mais desenvolvida que vivia sob uma democracia burguesa. As particularidades nacionais podem representar as táticas e estratégias revolucionárias por longos anos e juntas, formam traços indispensáveis da evolução mundial:

(...) Basta comparar a Inglaterra e a Índia, os Estados Unidos e o Brasil. Os traços específicos da economia nacional, por mais importantes que sejam, constituem, em escala crescente, os elementos de uma unidade mais alta que se chama a economia mundial e que serve, afinal de contas, de base ao internacionalismo dos partidos comunistas. (TROTSKY, 2007, p. 41)

Retomando os erros da Internacional Comunista dirigida por Stalin e Bukharin quanto à China, foi em 1924 que a burguesia chinesa e seu partido (KMT) foram reconhecidos como dirigentes de uma futura revolução nacional. Como se esse estágio fosse absolutamente necessário para os comunistas e para a conquista do poder pelo povo no futuro. Já falamos que a subordinação dos comunistas chineses ao Kuomintang levou a derrota da Revolução Chinesa de 1927.

A ATUALIDADE DA DISCUSSÃO

Nada pode substituir a leitura do texto original. O resgate histórico da teoria da revolução permanente é essencial para todo revolucionário. É o resgate do próprio internacionalismo e de sua defesa. Estamos subordinados e ligados ao mercado internacional e não há maneira de recuar. No mundo todo os trabalhadores sofrem as mesmas dores e morrem diretamente e indiretamente por causa do capitalismo. Em meio à pandemia do Covid-19 podemos enxergar isso claramente quando a burguesia nacional e internacional deseja “sacrificar” a vida de qualquer proletário antes de perder seu lucro.

Nos últimos anos vimos diversos debates crescendo na internet, entre os stalinistas que reivindicam conquistas da Revolução de Outubro e ignoram (propositalmente) os crimes cometidos por Stalin aos trabalhadores da Rússia e do mundo todo.

Todo o triunfo da revolução de 1917 se deu pela organização dos trabalhadores e o partido bolchevique dirigido por Lenin e Trotsky. A URSS foi o primeiro país a legalizar o direito ao aborto, por exemplo. Stalin se apropriou de vários desses êxitos feitos antes da burocratização total do partido, e inclusive depois de tomar o poder, retirou várias das conquistas dos anos anteriores. Restaurou, por exemplo, o modelo burguês e patriarcal de família e em 1936, proibiu e passou a punir as mulheres que realizavam a interrupção da gravidez, sendo esse apenas um dos exemplos.

EM DEFESA DA REVOLUÇÃO PERMANENTE

É importante destacar que o embate teórico travado pela defesa da revolução permanente nunca foi uma luta acadêmica ou tão somente teórica. Os crimes cometidos pelo regime burocrático da URSS tiveram consequências mortais para a classe trabalhadora em todo mundo. Já dizia Trotsky que “a realidade não perdoa o menor erro de doutrina”.

Desde 1923 moveu-se uma batalha que se opunha as ideias de Trotsky e da Oposição de Esquerda. A doutrina do “socialismo em um só país” foi elaborada por Bukarin e aplicada por Stalin pela primeira vez em 1925. A figura de Trotsky era importuna e sua remoção política e, mais tarde física, era essencial para a burocracia, que desejava estabilidade para levar adiante seus privilé-

gios e seu plano de fortalecer o seu socialismo em um só país.

Leon Trotsky dedicou sua vida à emancipação dos trabalhadores, e em especial suas últimas décadas denunciando os crimes do regime burocrático stalinista, até ser assassinado a mando de Stalin em 1940, aos 60 anos de idade. A campanha pessoal movida contra Trotsky acabou se tornando uma campanha contra as tradições de outubro e do próprio marxismo. Cabem a nós, marxistas desse milênio, a defesa da teoria da revolução permanente e o combate ao revisionismo oportunista. Venceremos!

"A CLASSE OPERÁRIA DEVE QUEBRAR,
DESTRUIR A MÁQUINA DO ESTADO, NÃO SE
LIMITANDO A REPARAR A ASSEMBLÉIA DE DEUS"

"LENIN"



Handwritten signature

O ESTADO E A REVOLUÇÃO: INTRODUÇÃO E ATUALIDADE DA OBRA DE LÊNIN

Daniel Boanerges

O impacto da revolução de 1917 trouxe mudanças que atingem até hoje a vida dos trabalhadores no mundo inteiro. A União Soviética ensinou o proletariado dos países capitalistas a enxergar as contradições desse sistema. Essa é uma conquista sine qua non do comunismo. A Revolução Russa deixou um legado ao mundo, um legado de ações, acontecimentos, mas também teorias e ideias. Embasado em uma vasta e rica literatura que irrompeu em convulsões de escritos e ampliações de ideias de algumas mentes durante o período de transição para o governo socialista. «O Estado e a Revolução» é um destes inscritos, onde Lênin com sagacidade captura o elã da revolução.

Lênin chegou a Petrogrado em abril de 1917, escreveu “O Estado e Revolução” entre agosto e setembro do mesmo ano e publicou-o apenas em 1918. O simples reconhecimento destas datas já desenha o panorama das dificuldades enfrentadas pelo autor. Este livro é sem sombra de dúvidas um dos mais importantes da obra e vida de Lenin. Nele, você vai encontrar as respostas aos principais argumentos usados pelos sociais-democratas e até os anarquistas. Objetivava ressuscitar o marxismo como descrito por Marx e Engels, mas sem correr o risco de cair no utopismo. É um livro didático fundamentado na estrutura basilar do marxismo.

O livro é dividido em apenas seis capítulos subdivididos em tópicos, mais um anexo. Ao todo, o livro possui pouco menos de duzentas páginas. Cada capítulo ressalta uma questão fundamental da época, apresentando definições marxistas as questões.

A primeira questão a ser esclarecida é uma das mais importantes: a relação entre as classes e o estado. Lênin relembra os conflitos de classe, posicionando o estado como proposta de reconciliação entre os inconciliáveis. Entretanto, Lênin não se permite alinhar seus argumentos com os movimentos traidores de sua época, ressalta a natureza do estado como ferramenta da classe economicamente dominante sob a classe oprimida, o uso do exército permanente e as instituições

coercitivas como afirmação desta dominação, e a necessidade do proletariado apoderar-se da máquina do estado, para iniciar sua destruição, enquanto, no curso, promove sua emancipação. Não vê a destruição da democracia como um rompimento dos direitos e da liberdade humana, pelo contrário, se propõe aplicar e predizer uma estrutura que, efetivamente, valorize a liberdade humana. No trecho abaixo, um comentário acerca da comuna, esta proposta fica evidente: “(...) a democracia, realizada tão plenamente e tão metodicamente quanto é possível sonhar-se, tornou-se proletária, de burguesa que era; o Estado (essa força destinada a oprimir uma classe) transformou-se numa coisa que já não é, propriamente falando, o Estado.”

Lênin critica os sociais-democratas por negarem aos trabalhadores seu direito emancipação. Fazendo uso de uma ferramenta burocrática para negar a ação. Certo enfoque é dado às experiências revolucionárias do proletariado: a Revolução de 1948 até 1951, e, a Comuna de Paris. O capítulo dois trata do primeiro caso, o capítulo três, do terceiro.

Contextualizando: em 1848, na França, ocorre a revolução contra o rei Luiz Felipe, uma aliança entre a burguesia e parte das lideranças do proletariado. A Europa acompanhou o fluxo revolucionário e diversas revoltas por emancipação espargiram pelo continente. Na França, berço de diversas mudanças, certas conquistas foram alcançadas: o sufrágio universal, fim da escravidão nas colônias e a liberdade de imprensa. Mas, cedo começou a pressão do partido proletário e a reação das lideranças burguesas foi sentida. Entendendo o contexto, o que se torna indispensável nestes capítulos, com facilidade compreendemos o posicionamento de Lênin. Ele aponta a necessidade da organização dos trabalhadores como classe dominante, tomando posse da máquina do estado. Todas as revoluções anteriores apenas aperfeiçoaram a máquina governamental, quando o importante é destruí-la. O sufrágio não é uma solução, é uma ferramenta que através da opressão do proletariado, quando suas questões são trazidas à baila, evidência o controle da burguesia sob as instituições burocráticas e do exército permanente.

Continuando seu estudo, agora dedicado a Comuna de Paris, Lênin, avalia os sucessos e insucessos da comuna. Reforça a necessidade da quebra das ordens burocráticas e militares do estado burguês. A comuna teve seu sucesso em relação a estes pontos: substituiu o exército permanente pelo povo armado, os representantes da população eram, neste cenário, eleitos por sufrágio universal nos diferentes bairros de Paris e a qualquer instante poderiam ter seus cargos revogados. Até os magistrados e juizes seriam eleitos e nenhum cargo público proveria um salário superior ao de um operário comum. Não haveria mais despesas de representação e privilégios pecuniários seriam suprimidos. Nas próprias palavras de Lênin: “transformação de quantidade em qualidade”. Os antigos moldes do parlamentarismo já não teriam lugar, os próprios mandatários executariam suas leis, assim o parlamento deixa de ser parlamento e torna-se uma corporação de trabalho. Esta corporação não seria um local exclusivo do discurso, como é no estado burguês, mas também da atividade. O alvedrio dos trabalhadores, enfim, seria respeitado. Lênin também levanta as questões de tomada das fábricas para que essas passem a ser de bem comum, fábricas administradas pelo trabalho coletivo de seus membros. Ressalta a diferença entre os pensamentos dos anarquistas e dos comunistas e termina este capítulo, contrariando a opinião dos críticos, declarando ser a Comuna de Paris uma verdadeira organização Socialista.

Uma parte do livro é destinada a esclarecimentos acerca do pensamento marxista. Uma tentativa de Lênin de conseguir colher as reais ideias marxistas de um mar de oportunismo.

O revolucionário dedica parte de seu livro a explicar detalhadamente, dentro da literatura marxista, a questão do definhamento do estado que facilmente pode cair nas redes da má interpretação. Para dar cabo às indagações, o governo proletário é justificado dividindo-o em duas fases. Na primeira, os vestígios do direito burguês e de sua estrutura ainda é sentido, mas as bases para sua destruição já estão sendo postas em prática, com o armamento geral do povo, a junção do poder executivo e legislativo, mandatos revogáveis e fim dos ‘salários de políticos’, onde os cargos

públicos não tinham salários maiores que um salário médio de um operário especializado. Em um segundo momento o estado definha livrando-se das amarras do capitalismo, neste nível, nenhum é burocrata, porque todos são burocratas.

O último capítulo responde a algumas polêmicas de sua época. Aqui, podemos, não só, adquirir base para nossos próprios argumentos, como em certa medida, entender o passado e confrontamentos do marxismo durante o processo revolucionário. A versão da editora expressão popular traz também um anexo com informações e contextualizações acerca dos capítulos a da vida de Lenin. O livro “O Estado e a Revolução” é uma obra histórica e extremamente atual fundamental para quem deseja se tornar versado no marxismo como tema de estudo e de ação para nosso tempo atual.



IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO: UMA BREVE INTRODUÇÃO

Pedro Sanchez

O capitalismo passou por uma transformação qualitativa importante no início do século XX. O capitalismo em geral, baseado na concorrência entre pequenos capitais, deu lugar ao capitalismo baseado nos grandes monopólios da produção e do capital financeiro, a união do capital bancário com o capital industrial. Esse fenômeno foi analisado por Lenin no livro *Imperialismo, fase superior do capitalismo* e ainda hoje conserva uma análise importante para o período que vivemos.

O primeiro capítulo do livro trata da Concentração da Produção e os monopólios. Lênin explica nesse capítulo que o processo de concentração da produção em empresas cada vez maiores é uma das características mais particulares da fase imperialista.

A concentração do capital ocorre com o enorme desenvolvimento das grandes indústrias e a enorme concentração da produção em suas mãos. Um exemplo disso é a Alemanha, em 1907, que de 3,265,623 empresas 30,588 eram grandes, e trabalhavam belas 39% dos operários, e seu consumo era de mais de 50% de toda energia utilizada pelo total de indústrias. Quando maior a indústria maior seu quadro de funcionários e seu consumo, conseqüentemente sua produção é maior, e quanto maior essa produção mais barato ela fica, e quanto mais se produz com menos gasto, maior a concentração de capital em seu poder.

Uma coisa importante desse desenvolvimento é que nem todos os ramos industriais têm grandes empresas, e muitas vezes, esses setores são integrados às grandes empresas que, de acordo com seu crescimento, incorporam outras fases de sua produção, tomando conta da produção desde a matéria-prima até seu produto final. A concentração de capital, por seu próprio desenvolvimento, alcança um ponto em que conduz diretamente ao monopólio, ou seja, ao controle de ramos inteiros da produção por uma única empresa gigante. Isso é o que Lênin chama de produção socializada, porém, a apropriação dos lucros dessa produção permanece individual e isso constitui uma das contradições mais flagrantes do sistema capitalista, que em sua fase imperialista, é leva ao seu mais alto grau.

Um exemplo disso são as cerâmicas de porcelanato na região de Campinas-SP, onde as

maiores empresas, incorporaram mineradoras de argila, que são suas maiores fontes de matéria-prima e outras pequenas empresas, ou até grandes cerâmicas, formando um grande grupo. Para as pequenas empresas do ramo que não forem centralizadas – compradas pelas empresas maiores – o destino provável é sua eliminação do mercado, pois os preços formados pelas empresas monopolistas são mais competitivos do que os preços das empresas menores.

Mas, mesmo que essa grande indústria não seja responsável pela produção da matéria-prima que utiliza, sua produção em larga escala faz com que ela consiga adquiri-la por um preço muito menor, levando a redução do preço de seu produto final. Isso só é possível ocorrer devido a escala de produção. As empresas monopolistas conseguem produzir em uma escala muito maior e, portanto, negociar o custo dos insumos com os fornecedores em condições muito mais vantajosas do que as empresas menores. Exatamente o contrário ocorre para a pequena empresa, que compra a matéria-prima mais cara decorrente a sua baixa escala de produção, com isso seu produto final fica mais caro, causando sua instabilidade, e possivelmente sua ruína.

Um exemplo histórico apontado por Lênin no livro refere-se ao período após a crise de 1873, quando os cartéis (união secreta entre industriais, que fazem acordos para controlar preços e lucros) começaram a se formar, e em 1903 eles se tornaram a base da economia. Através desses acordos estabelecidos entre si, eles dividiram o mercado e a produção entre as indústrias que fazem parte desse cartel. Assim a livre concorrência que era um dos pilares do capitalismo em geral, se transforma em monopólio, e sua produção cada vez mais socializada, é centralizada e concentrada em poucas mãos.

“O capitalismo, em seu estágio imperialista, conduz praticamente à socialização integral da produção; arrasta, por assim dizer, os capitalistas, contra sua vontade e sem que disse tenham consciência, para uma nova ordem social, de transição, entre a mais livre concorrência e a completa socialização. A produção passa a ser social, mas a apropriação continua a ser privada. Os meios sociais de produção continuam a ser propriedade privada de um reduzido número de indivíduos. Mantém-se o quadro geral da livre concorrência formalmente reconhecida, e o jugo de uns quantos monopolistas sobre o resto da população torna-se cem vezes mais pesado, mais sensível mais insuportável.” (Imperialismo, p. 48)

No capítulo segundo, Lenin discute o novo papel dos bancos no capitalismo imperialista. A princípio, os bancos tinham como função fundamental serem intermediários nas transações entre uma fábrica e outra. À medida que as operações aumentam e se concentram em um número reduzido, passam de meros intermediários para monopolistas, que controlem todo o capital do conjunto dos capitalistas e de pequenos patrões, bem como da maior parte dos meios de produção e das matérias-primas. Esse processo é fundamental para a transformação do capitalismo em imperialismo.

Na América Latina, por exemplo, em 1970 o Estado era presente em 90% dos bancos, já em 1990 sua influência era de 50%. No Brasil, em 1996, a participação dos 20 maiores bancos no total de ativos bancários era de 72%, já era bem alto, em 2006 ele bateu 86%. Com a concentração bancária no Brasil houve uma redução de 32% nas instituições bancárias. Ainda naquele ano, o total de bancos no Brasil era de 230, sendo 32 públicos, 198 privados, 157 com participação estrangeira e 41 de controle internacional total, já em 2007, o total de bancos operando no Brasil passou para 156 instituições, sendo 13 públicos, 143 privados, 87 com participação estrangeira e 56 sob controle internacional total.

Uma queda de 59% de bancos públicos e um aumento de 36% de bancos estrangeiros, isso influenciou na expansão dos bancos privados nas operações de crédito, e ficaram responsáveis por mais de 60% dessas operações. A participação bancária nos depósitos de 1996 para 2006 caiu 24% nos bancos públicos e aumentou 23% nos privados, sendo esse aumento 12% referente aos bancos estrangeiros. Em 2006 os bancos privados já obtinham 70% dos ativos, sendo 21% de

bancos internacionais, e em 2019 os 5 maiores bancos já eram donos de 85% de todos -os ativos bancários do Brasil.

Analisando todos esses dados, fica notável a supressão de muitos bancos, isso é reflexo da acumulação de capital em poucos deles. No Brasil, os 3 maiores bancos privados incorporaram 33 outros bancos privados e estatais, alguns desses bancos foram extintos e outros se transformaram em suas sucursais.

Os grandes bancos, além de controlar o capital financeiro, controlam também o capital industrial, pelos empréstimos e acordos firmados com eles. Esse aumento de concentração de suas movimentações, e a incorporação de outros bancos, mudaram completamente o papel deles de auxiliares em operações técnicas e mediadores entre uma indústria e outra. Eles se tornam grandes monopolistas que subordinam as operações comerciais e industriais de toda a sociedade capitalista, tendo conhecimento de todas as operações, movimentações, dados de crescimento, informações em geral de diferentes empresas, podendo assim facilmente controlá-los, e, sob sua influência, oferecer créditos ou não, tendo em suas mãos o destino das empresas.

Com o capital industrial cada vez mais nas mãos dos bancos, mais se conforma o monopólio capitalista, hoje nas grandes indústrias, entre seus acionistas sempre se encontra um bancário, para não só manter a influência por meio de créditos, mas também para defender o interesse dos bancos.

Lênin diz: “O capitalismo é a produção no grau superior do seu desenvolvimento quando até a força de trabalho se torna mercadoria.” Um traço do capitalismo eram as trocas feitas internamente e externamente e seu desenvolvimento desigual era inevitável. A exportação na formação do monopólio mundial foi um fatos que se destacou quando a produção nos países imperialistas não podia mais se expandir porque todo o mercado já estava dominado e partilhado. A exportação de mercadorias, comum no capitalismo em geral, dá lugar a exportação de capital.

Essa exportação geralmente era feita para países atrasados, onde se conseguia mão de obra e matéria-prima barata, isso gerava um acúmulo imenso de capital para os países imperialistas. Não era apenas uma exportação de capital que ocorria, uma massa trabalhadora desempregada ou escravizada era mandada para esses países, formando colônias, como uma maneira de evitar revoltas em seus países pelo desemprego e a escravidão como um grande negócio capitalista.

Hoje essa produção de capital se destaca nas grandes empresas multinacionais, onde se tem uma parte da produção exportada e o lucro retorna ao seu país de origem, olhando superficialmente parece bom para economia do país, pois gera empregos e impulsiona a economia, mas isso acaba colocando a produção daquele país para gerar lucro ao país imperialista de onde aquela empresa origina, e acaba impedindo o desenvolvimento de empresas nacionais.

Um exemplo disso é a Gurgel, uma empresa de carros brasileira é um claro exemplo disso, ela foi uma das primeiras a desenvolver carros elétricos em 1974. Essa empresa faliu após Fernando Collor abrir o país para importação de veículos estrangeiros e isentando carros com motores menores que 1.0 de pagar IPI (Impostos sobre produtos industrializados), facilitando a produção desses carros pelas montadoras internacionais. A Gurgel faliu em 1996 e até hoje alguns dos trabalhadores não receberam seus direitos.

Outra forma dessa exportação de capital, da moderna escravidão dos países, é a dívida pública, que suga os recursos dos países dominados e dos trabalhadores direto para o bolso de banqueiros e instituições financeiras. Hoje a dívida no Brasil já ultrapassou R\$ 4 trilhões, enquanto os investimentos em saúde e educação passam longe disso.

No capitalismo imperialista, onde o monopólio predomina, primeiramente apodera-se do mercado interno para maximizar seus lucros e fortificar seus capitais, mas esse mercado interno está conectado com o mercado externo, dominando setores do mercado mundial. Ao se expandir

para o mercado externo, os grandes monopólios aumentam sua influência e controle sob outros países. Esse processo é apresentado no capítulo quatro do livro, a exportação de capitais.

Os grandes bancos têm ligações diretas com esse avanço imperialista sob o mundo, sendo eles os maiores exportadores de capital, com o controle do crédito, eles controlam ramos e empresas em diferentes países, podendo ajudar no processo de falência ou decadência dela para incorporação ou fechamento para entrada das empresas internacionais.

Alguns escritores burgueses, exprimiam a opinião de que o monopólio poderia trazer a paz entre as classes, mas isso é uma estupidez, pois o capitalismo começa a partilha do mundo porque não consegue mais gerar enormes quantias de lucro apenas em seu território, e nos dias de hoje ele se funde e absorve empresas de outros países atrasados.

Isso é uma luta entre capitalistas de cada país imperialista para dominar o mercado externo, para aumentar o lucro de poucas famílias enquanto a grande massa trabalhadora sofre com falta de saúde, educação, e muitas vezes sem ter onde morar e o que comer.

Lênin se detém aos dados para passar uma clareza sobre o desenvolvimento do capitalismo para sua fase imperialista.

Nos fins do século XIX já havia terminado a partilha do mundo, as colônias dos quatro principais países imperialistas, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e França, aumentaram, cada uma de acordo com seu poder políticos econômico, e pelo seu capital financeiro.

As contradições do capitalismo, levam ele ao imperialismo, essa fase do capitalismo é inevitável e sua base econômica mais profunda, a formação dos grandes monopólios, é o que leva inevitavelmente a estagnação e sua decomposição. Na medida que o monopólio se desenvolve, os progresso tecnológicos e científicos tendem a serem contidos ou atrasados, devido ao lucro monopolista, que torna desinteressante o desenvolvimento tecnológico por algum tempo.

O imperialismo é a continuação do desenvolvimento do capitalismo em geral, onde em um determinado grau desse desenvolvimento, as características fundamentais do capitalismo começam a se transformar em seu contrário. Do ponto de vista econômico, o fundamental desse processo é a substituição da livre concorrência pelo monopólio. A livre concorrência se transformou em monopólio pela própria lógica da produção capitalista, pela produção em larga escala, que elimina a pequena produção, pela concentração da produção e pela criação de carteis, trustes que fundem-se com uma pequena quantidade de bancos que manipulam o capital e toda a produção. Ao mesmo tempo, o monopólio não elimina a livre concorrência, mas atua acima e ao lado dela, o que gera fricções e contradições permanentes no modo de produção capitalista.

“Se fosse necessário definir o imperialismo da forma mais breve possível, dever-se-ia dizer que ele é o estágio monopolista do capitalismo. Essa definição compreenderia o principal, pois, por um lado, o capital financeiro é o capital bancário de alguns grandes bancos monopolistas fundido com o capital de grupos monopolistas de industriais, e, por outro, a partilha do mundo é a transição da política colonial, que se estende sem obstáculos às regiões ainda não apropriadas por nenhuma potência capitalista, para a política colonial de dominação monopolista dos territórios de um mundo já inteiramente repartido.” (Imperialismo, p. 124)

No entanto, Lenin considera incomodo as definições muito sintéticas e nos oferece um resumo das cinco principais características do imperialismo. A concentração da produção e do capital alcançou um grau que levou a formação de monopólios, que desempenham um papel decisivo na vida econômica. A fusão do capital bancário com o capital industrial levou a criação de uma oligarquia financeira, baseada no capital financeiro. A exportação de capitais, diferente da exportação de mercadorias, adquire um caráter grande nesta fase do capitalismo. Ocorre a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas que partilham o mundo e os mercados entre si. Ocorre a partilha territorial do mundo entre as potenciais capitalistas mais

importantes.

O estudo do imperialismo na atualidade e de suas consequências para países dominados como o Brasil encontra uma enorme fonte política e teórica nas definições oferecidas por Lenin neste livro, que aqui nos limitamos a oferecer somente uma breve introdução. Boa leitura!

“A TEORIA SEM A PRÁTICA DE NADA VALE, A PRÁTICA SEM A TEORIA É CEGA” (LENIN)

A partir do grande rol de autores que compõem o campo do marxismo, tais como Marx, Engels, Trotsky e o já mencionado Lenin (estes que dedicaram suas vidas à construção da revolução socialista), é possível extrair um grande número de lições ao estudar suas obras, que são vitais para aqueles que lutam diariamente pela emancipação do proletariado e da juventude, frente ao sistema capitalista. Sendo assim, para quem escolher se dedicar à luta pela revolução socialista, o estudo da teoria marxista deve estar intrinsecamente ligado à sua militância.

A Liberdade e Luta é uma organização de juventude que desenvolve suas atividades com um único norte, a Revolução Socialista, e desta forma, sabemos o quanto importante é a Teoria Revolucionária para a luta por um mundo novo. Ao passo em que sabemos o quanto fundamental é a militância prática, entendemos, assim como explicou Lenin, que está será de certa forma "cega" se não for acompanhada pelo elemento determinante que é a Teoria.

A partir dessa concepção, a Liberdade e Luta, além de desenvolver um trabalho prático junto à juventude, intervindo em pontos como escolas e universidades, está sempre se empenhando na produção de "instrumentos" que auxiliem o combate, tais como os textos publicados em nosso site e, agora, o mais novo material da Liberdade Luta: a brochura "Marx Estava Certo!".



WWW.LIBERDADEELUTA.ORG